

A educação da consciência com São Francisco de Sales

Provavelmente foi o advento da Reforma protestante que colocou na ordem do dia o problema da consciência e, mais precisamente, da «liberdade de consciência». Em uma carta de 1597 a Clemente VIII, o decano de Sales deplorava a «tirania» que o «estado de Genebra» impunha «sobre as consciências dos católicos». Pedia à Santa Sé que interviesse junto ao rei da França para obter que os genebrinos concedessem «o que chamam liberdade de consciência». Contrário a soluções militares para a crise protestante, ele vislumbrava na *libertas conscientiae* uma possível saída para o confronto violento, desde que a reciprocidade fosse respeitada. Reivindicada por Genebra em favor da Reforma, e por Francisco de Sales em benefício do catolicismo, a liberdade de consciência estava prestes a se tornar um dos pilares da mentalidade moderna.

Dignidade da pessoa humana

A dignidade do indivíduo reside na consciência, e a consciência é, antes de tudo, sinônimo de sinceridade, honestidade, franqueza, convicção. O decano de Sales reconhecia, por exemplo, «para aliviar sua consciência», que o projeto das Controvérsias lhe fora de certa forma imposto por outros. Quando apresentava suas razões a favor da doutrina e da prática católica, preocupava-se em precisar que o fazia «de consciência». «Digam-me de consciência», perguntava aos seus contraditores. A «boa consciência», de fato, faz com que alguém evite certos atos que o colocam em contradição consigo mesmo.

No entanto, a consciência subjetiva individual não pode ser sempre tomada como garantia da verdade objetiva. Não se está sempre obrigado a acreditar no que alguém diz de consciência. «Mostrem-me claramente – diz o decano aos senhores de Thonon – que não mentem de forma alguma, que realmente não me enganam,

quando me dizem que de consciência tiveram esta ou aquela inspiração». A consciência pode ser vítima da ilusão, de forma voluntária ou mesmo involuntária. «Os avarentos inveterados não só não confessam sê-lo, como também não pensam de consciência que o sejam».

A formação da consciência é uma tarefa essencial, porque a liberdade de consciência implica o risco de «fazer o bem e o mal», mas «escolher o mal não é usar, mas abusar da nossa liberdade». É uma tarefa difícil, porque a consciência às vezes nos aparece como um adversário que «combate sempre contra nós e por nós»: ela «opõe resistência constante às nossas más inclinações», mas o faz «para nossa salvação». Quando alguém peca, «o remorso interior se move contra sua consciência com a espada em punho», mas o faz para «transpassá-la com um santo temor».

Um meio para exercer uma liberdade responsável é a prática do «exame de consciência». Fazer o exame de consciência é como seguir o exemplo das pombas que se olham «com olhos límpidos e puros», «se limpam com cuidado e se adornam o melhor que podem». Filoteia é convidada a fazer esse exame todas as noites, antes de ir dormir, perguntando-se «como se comportou nas várias horas do dia; para facilitar, pensará onde, com quem e em quais ocupações se dedicou».

Uma vez por ano devemos fazer um exame aprofundado do «estado da nossa alma» diante de Deus, do próximo e de nós mesmos, sem esquecer um «exame dos afetos da nossa alma». O exame – diz Francisco de Sales às visitandinas – levará vocês a sondar «a fundo a sua consciência».

Como aliviar a consciência quando alguém a sente carregada de um erro ou de uma falha? Alguns o fazem de forma errada, julgando e acusando os outros «de vícios dos quais são vítimas», pensando assim em «adoçar os remorsos da sua consciência». Dessa forma, multiplica-se o risco de fazer julgamentos temerários. Pelo contrário, «aqueles que cuidam corretamente da sua consciência não estão sujeitos a julgamentos temerários». Convém considerar à parte o caso dos pais, educadores e responsáveis pelo bem público, porque «uma

boa parte da sua consciência consiste em vigiar atentamente a consciência dos outros».

O respeito por si mesmo

Da afirmação da dignidade e da responsabilidade de cada um deve nascer o respeito por si mesmo. Já Sócrates e toda a antiguidade pagã e cristã haviam mostrado o caminho:

É uma afirmação dos filósofos, que porém foi considerada válida pelos doutores cristãos: «Conhece-te a ti mesmo», ou seja, conhece a excelência da tua alma para não a rebaixar e desprezar.

Alguns de nossos atos constituem não apenas uma ofensa a Deus, mas também uma ofensa à dignidade da pessoa humana e à razão. Suas consequências são deploráveis:

A semelhança e imagem de Deus, que carregamos em nós, é manchada e desfigurada, a dignidade do nosso espírito desonrada, e somos tornados semelhantes aos animais irracionais [...], tornando-nos escravos das nossas paixões e invertendo a ordem da razão.

Há êxtases e arrebatamentos que nos elevam acima da nossa condição natural e outros que nos rebaixam: «Ó homens, até quando sereis tão insensatos – escreve o autor do Teótimo – a ponto de querer pisotear a vossa dignidade natural, descendo voluntariamente e precipitando-vos na condição dos animais?».

O respeito por si mesmo permitirá evitar dois perigos opostos: o orgulho e o desprezo pelos dons que se tem. Em um século em que o senso de honra era exaltado ao máximo, Francisco de Sales teve que intervir para denunciar delitos, em particular no problema do duelo, que lhe fazia «arrepiar os cabelos da cabeça», e ainda mais o orgulho insensato que era a causa. «Estou escandalizado» – escrevia à esposa de um marido duelista –; «na verdade, não consigo entender como se pode ter uma coragem tão desregrada mesmo por bagatelas e coisas sem importância». Lutando em duelo é como se «se tornassem um o

carrasco do outro».

Outros, ao contrário, não ousam reconhecer os dons recebidos e pecam assim contra o dever da gratidão. Francisco de Sales denuncia «certa falsa e tola humildade que impede descobrir o bem que há neles». Estão errados, porque «os bens que Deus colocou em nós devem ser reconhecidos, estimados e honrados sinceramente».

O primeiro próximo que devo respeitar e amar, parece querer dizer o bispo de Genebra, é o próprio eu. O verdadeiro amor por mim mesmo e o respeito devido exigem que eu tenda à perfeição e que me corrija, se necessário, mas docemente, razoavelmente e «seguindo o caminho da compaixão» em vez do da ira e da fúria.

Existe, de fato, um amor por si mesmo não apenas legítimo, mas também benéfico e mandado: «A caridade bem ordenada começa por si mesmo» – diz o provérbio – e reflete bem o pensamento de Francisco de Sales, mas desde que não se confunda o amor por si mesmo com o amor-próprio. O amor por si mesmo é bom, e Filoteia é convidada a interrogar-se sobre a maneira como ama a si mesma:

Mantém uma boa ordem no amor por si mesma? Porque só o amor desordenado por nós mesmos pode nos levar à ruína. Ora, o amor ordenado quer que amemos a alma mais do que o corpo, que busquemos adquirir as virtudes mais do que qualquer outra coisa.

Ao contrário, o amor-próprio é um amor egoísta, «narcisista», cheio de si mesmo, ciumento da própria beleza e unicamente preocupado com o próprio interesse: «Narciso – dizem os profanos – era um jovem tão arrogante que não queria oferecer seu amor a ninguém; e, finalmente, contemplando-se em uma fonte límpida, foi totalmente arrebatado por sua beleza».

O «respeito devido às pessoas»

Se se respeita a si mesmo, a gente estará mais preparado e disposto a respeitar os outros. O fato de ser «a imagem e semelhança de Deus» tem como corolário a afirmação segundo a

qual «todos os seres humanos gozam da mesma dignidade». Francisco de Sales, embora vivendo em uma sociedade marcada pelo antigo regime, fortemente desigual, promoveu um pensamento e uma prática caracterizados pelo «respeito devido às pessoas».

É preciso começar pelas crianças. A mãe de São Bernardo – diz o autor da Filoteia – amava seus filhos recém-nascidos «com respeito como uma coisa sagrada que Deus lhe confiara». Uma repreensão muito grave dirigida pelo bispo de Genebra aos pagãos dizia respeito ao seu desprezo pela vida de seres indefesos. O respeito pela criança que está para nascer emerge neste trecho de uma carta, redigida segundo a retórica barroca da época, dirigida por Francisco de Sales a uma mulher grávida. Ele a encoraja explicando que a criança que está se formando em suas entranhas não é apenas «uma imagem viva da divina Majestade», mas também a imagem de sua mãe. Recomenda a outra mulher:

Ofereça frequentemente à glória eterna do seu Criador a criaturinha cuja formação Ele quis que você assumisse como sua cooperadora.

Outro aspecto do respeito devido aos outros diz respeito ao tema da liberdade. A descoberta de novas terras teve, como consequência nefasta, o ressurgimento da escravidão, que remetia às práticas dos antigos romanos na época do paganismo. A venda de seres humanos os rebaixava ao nível dos animais:

Um dia, Marco Antônio comprou de um mercador dois jovens; então, como ainda acontece hoje em algumas regiões, vendiam-se crianças; havia homens que as conseguiam e depois as traficavam como se faz com cavalos em nossos países.

O respeito pelos outros é continuamente ameaçado de forma mais sutil pela maledicência e pela calúnia. Francisco de Sales insiste bastante nos «pecados da língua». Um capítulo da Filoteia que trata explicitamente desse assunto intitula-se A honestidade nas palavras e o respeito que se deve às pessoas.

Arruinar a reputação de alguém é cometer um «assassinato espiritual»; é privar «a vida civil» daquele de quem se fala mal. Assim também, «ao censurar o vício», esforçar-se-á para poupar o máximo possível «a pessoa implicada nele».

Certas categorias de pessoas são facilmente denegridas ou desprezadas. Francisco de Sales defende a dignidade do povo baseando-se no Evangelho: «São Pedro – comenta – era um homem rude, grosseiro, um velho pescador, um trabalhador de baixa condição; São João, ao contrário, era um cavalheiro, doce, amável, sábio; São Pedro, porém, ignorante». Ora, foi São Pedro quem foi escolhido para guiar os outros e para ser o «superior universal».

Ele proclama a dignidade dos doentes, dizendo que «as almas que estão na cruz são declaradas rainhas». Denunciando a «crueldade para com os pobres» e exaltando a «dignidade dos pobres», justifica e esclarece a atitude que se deve ter para com eles, explicando «como devemos honrá-los e, portanto, visitá-los como representantes de Nosso Senhor». Ninguém é inútil, ninguém é insignificante: «Não há no mundo objeto que não possa ser útil para alguma coisa; mas é preciso saber encontrar seu uso e lugar».

O «um-diferente» salesiano

O problema que sempre atormentou as sociedades humanas é o de conciliar entre si a dignidade e a liberdade de cada indivíduo com as dos outros. Recebeu de Francisco de Sales um esclarecimento original, graças à invenção de uma nova palavra. De fato, admitindo que o universo é formado por «todas as coisas criadas, visíveis e invisíveis» e que «a sua diversidade é reconduzida à unidade», o bispo de Genebra propôs chamá-lo de «um-diferente», ou seja, «único e diferente, único com diversidade e diferente com unidade».

Para ele, todo ser é único. As pessoas são como as pérolas de que fala Plínio: «são tão únicas, cada uma em sua qualidade, que nunca se encontram duas perfeitamente iguais». É significativo que suas duas principais obras, Introdução à vida devota e Tratado do amor de Deus, sejam dirigidas a uma

pessoa singular, Filoteia e Teótimo. Que variedade e diversidade entre os seres! «Sem dúvida, como vemos que nunca se encontram dois homens perfeitamente iguais quanto aos dons da natureza, assim nunca se encontram perfeitamente iguais quanto aos dons sobrenaturais». A variedade o encantava também do ponto de vista puramente estético, mas temia uma curiosidade indiscreta sobre suas causas:

Se alguém se perguntasse por que Deus fez as melancias maiores que os morangos, ou os lírios maiores que as violetas; por que o alecrim não é uma rosa ou por que o cravo não é uma calêndula; por que o pavão é mais belo que um morcego, ou por que o figo é doce e o limão azedo, ririam de suas perguntas e diriam: pobre homem, como a beleza do mundo exige variedade, é necessário que nas coisas haja perfeições diferentes e diferenciadas e que uma não seja a outra; por isso umas são pequenas, outras grandes, umas ácidas, outras doces, umas mais belas, outras menos. [...] Todas têm seu mérito, sua graça, seu esplendor, e todas, vistas no conjunto de suas variedades, constituem um maravilhoso espetáculo de beleza.

A diversidade não impede a unidade; pelo contrário, a torna ainda mais rica e bela. Cada flor tem suas características, que a distinguem de todas as outras: «Não é próprio das rosas serem brancas, me parece, porque as vermelhas são mais belas e têm um perfume melhor, o qual, porém, é próprio do lírio». Certamente, Francisco de Sales não suporta confusão e desordem, mas é igualmente inimigo da uniformidade. A diversidade dos seres pode levar à dispersão e à ruptura da comunhão, mas se há amor, «vínculo da perfeição», nada está perdido; pelo contrário, a diversidade é exaltada pela união. Em Francisco de Sales há certamente uma cultura real do indivíduo, mas esta nunca é um fechamento ao grupo, à comunidade ou à sociedade. Ele vê espontaneamente o indivíduo inserido em um contexto ou «estado» de vida, que marca fortemente a identidade e a pertença de cada um. Não será possível estabelecer um programa ou projeto igual para todos,

pelo simples fato de que será aplicado e realizado de maneira diferente «para o cavalheiro, para o artesão, para o criado, para o príncipe, para a viúva, para a jovem, para a casada»; é preciso ainda adaptá-lo «às forças e aos deveres de cada um em particular». O bispo de Genebra vê a sociedade dividida em espaços vitais caracterizados pela pertença social e solidariedade de grupo, como quando trata «da companhia de soldados, da oficina dos artesãos, da corte dos príncipes, da família de pessoas casadas».

O amor personaliza e, portanto, individualiza. O afeto que liga uma pessoa a outra é único, como demonstra Francisco de Sales em sua relação com a senhora de Chantal: «Cada afeto tem sua peculiaridade que o diferencia dos outros; o que sinto por você possui certa particularidade que me consola infinitamente e, para dizer tudo, para mim é sobremaneira frutífero». O sol ilumina todos e cada um: «iluminando um canto da terra, não o ilumina menos do que faria se não brilhasse em outro lugar, mas somente naquele canto».

O ser humano está em transformação

Humanista cristão, Francisco de Sales acredita finalmente na possibilidade que a pessoa humana tem de se aperfeiçoar. Erasmo havia forjado a fórmula: *Homines non nascuntur sed finguntur* [Os homens não nascem prontos, mas precisam se fazer]. Enquanto o animal é um ser predeterminado, guiado pelo instinto, o homem, ao contrário, está em perpétua evolução. Não só muda, mas pode mudar a si mesmo, tanto para melhor quanto para pior.

O que preocupava inteiramente o autor do Teótimo era aperfeiçoar a si mesmo e ajudar os outros a se aperfeiçoarem, e não apenas no âmbito religioso, mas em tudo. Do nascimento à sepultura, o homem está em situação de aprendiz. Imitemos o crocodilo que «nunca deixa de crescer enquanto vive». De fato, «permanecer no mesmo estado por muito tempo não é possível: quem não avança, retrocede neste trânsito; quem não sobe, desce nesta escada; quem não vence é vencido nesta luta». Ele cita São Bernardo que dizia: «Está escrito de modo particular

para o homem que nunca estará no mesmo estado: é preciso que avance ou retroceda». Vamos em frente:

Não sabes que estás em caminho e que o caminho não é feito para sentar, mas para avançar? E é tão feito para avançar que mover-se para frente se chama caminhar.

Isso significa também que a pessoa humana é educável, capaz de aprender, de se corrigir e de melhorar. E isso é verdade em todos os níveis. A idade às vezes não tem nada a ver. Olhem para esses meninos cantores da catedral, que superam em muito as capacidades do seu bispo nesse campo: «Admiro essas crianças – dizia – que mal sabem falar e que já cantam sua parte; compreendem todos os sinais e regras musicais, enquanto eu não saberia mesmo como me virar, eu que sou um homem feito e que gostaria de passar por uma grande personalidade». Ninguém neste mundo é perfeito:

Há pessoas de natureza leve, outras grosseiras, outras ainda muito relutantes em ouvir as opiniões alheias, e outras finalmente propensas à indignação, outras à cólera e outras ao amor; para resumir, encontramos poucas pessoas em que não seja possível descobrir uma ou outra dessas imperfeições.

Deve-se então desesperar de poder melhorar o próprio temperamento, corrigindo alguma de nossas inclinações naturais? De jeito nenhum.

Por mais que, de fato, sejam em cada um de nós como próprias e naturais, se com a aplicação a um apego contrário podem ser corrigidas e reguladas, e até mesmo alguém pode se livrar delas e se purificar, então, digo a você, Filoteia, que é preciso fazê-lo. Encontrou-se até o modo de tornar doces as amendoegas amargas: basta furá-las na base e fazer sair o suco; por que não poderíamos então fazer sair nossas inclinações perversas, para assim nos tornarmos melhores?

Daí a conclusão otimista, mas exigente: «Não há natureza boa que não possa se tornar má, por meio de hábitos viciosos; não

há natureza tão perversa que não possa, primeiramente com a graça de Deus e depois com empenho industrioso e diligência, ser domada e vencida». Se o homem é educável, não se deve desesperar de ninguém e deve-se evitar preconceitos contra as pessoas:

Não digam: fulano é um bêbado, mesmo que o tenham visto bêbado; é um adúltero, por tê-lo visto pecar; é um incestuoso, por tê-lo apanhado naquela desgraça; porque um único ato não basta para dar nome à coisa. [...] E mesmo quando um homem tenha sido viciado por muito tempo, ainda assim correria o risco de mentir ao chamá-lo viciado.

A pessoa humana nunca termina de cultivar seu jardim. É a lição que o fundador das visitandinas lhes incutia, quando as chamava «a cultivar a terra e o jardim» de seus corações e espíritos, porque não existe «homem tão perfeito que não precise se empenhar tanto para crescer na perfeição quanto para mantê-la».

A educação feminina com São Francisco de Sales

O pensamento educativo de São Francisco de Sales revela uma visão profunda e inovadora do papel da mulher na Igreja e na sociedade de seu tempo. Convencido de que a formação das mulheres era fundamental para o crescimento moral e espiritual de toda a comunidade, o santo bispo de Genebra promoveu uma educação equilibrada, respeitosa da dignidade feminina, mas também atenta às fragilidades. Com um olhar paterno e realista, soube reconhecer e valorizar as qualidades das mulheres, encorajando-as a cultivar a virtude, a cultura e a

devoção. Fundador da Ordem da Visitação com Joana de Chantal, defendeu vigorosamente a vocação feminina, mesmo contra críticas e preconceitos. Seu ensinamento continua a oferecer reflexões atuais sobre a educação, o amor e a liberdade na escolha da própria vida.

Por ocasião de sua viagem a Paris em 1619, Francisco de Sales encontrou Adrien Bourdoise, um padre reformador do clero, que o repreendeu por se ocupar demais das mulheres. O bispo teria respondido com calma que as mulheres eram metade da humanidade e que, formando boas cristãs, haveria bons jovens e, com bons jovens, bons padres. Aliás, São Jerônimo não lhes dedicou muito tempo e vários escritos? A leitura de suas cartas é recomendada por Francisco de Sales à senhora de Chantal, que encontrará nelas, entre outras coisas, numerosas indicações “para educar suas filhas”. Deduz-se que o papel das mulheres na educação justificava, aos seus olhos, o tempo e a solícitude que lhes dedicava.

Francisco de Sales e as mulheres de seu tempo

“É preciso ajudar o sexo feminino, desprezado”, disse certa vez o bispo de Genebra a Jean-François de Blonay. Para compreender as preocupações e o pensamento de Francisco de Sales, convém situá-lo em sua época. É preciso dizer que algumas de suas afirmações ainda parecem muito ligadas à mentalidade corrente. Nas mulheres de sua época, ele lamentava “essa ternura feminina consigo mesmas”, a facilidade “em se compadecer e desejar ser compadecidas”, uma maior propensão do que os homens “a dar crédito aos sonhos, a ter medo dos espíritos e a ser crédulas e supersticiosas” e, acima de tudo, as “contorções de seus pensamentos vaidosos”. Entre os conselhos dados à senhora de Chantal relativos à educação das filhas, escrevia sem hesitação: “Tire-lhes a vaidade da alma: ela nasce quase ao mesmo tempo que o sexo”.

No entanto, as mulheres são dotadas de grandes qualidades. Ele escreveu sobre a senhora de La Fléchère, que

acabara de perder o marido: “Se eu tivesse apenas esta ovelha perfeita no meu rebanho, não me angustiaría por ser pastor desta diocese aflita. Depois da senhora de Chantal, não sei se alguma vez encontrei uma alma mais forte num corpo feminino, um espírito mais sensato e uma humildade mais sincera”. As mulheres não são de forma alguma as últimas na prática das virtudes: “Não vimos muitos grandes teólogos que disseram coisas maravilhosas sobre as virtudes, mas não as praticavam, enquanto, ao contrário, há tantas mulheres santas que não sabem falar de virtudes, mas sabem muito bem como praticá-las?”.

São as mulheres casadas as mais dignas de admiração: “Ó meu Deus! Como são agradáveis a Deus as virtudes de uma mulher casada; na verdade, elas devem ser fortes e excelentes para poderem permanecer nessa vocação!”. Na luta para preservar a castidade, ele acreditava que “as mulheres muitas vezes lutaram com mais coragem do que os homens”.

Fundador de uma congregação de mulheres junto com Joana de Chantal, ele manteve contato constante com as primeiras religiosas. Ao lado dos elogios, começaram a chover críticas. Empurrado para essas trincheiras, o fundador teve que se defender e defendê-las, não apenas como religiosas, mas também como mulheres. Em um documento que deveria servir de prefácio às Constituições das Visitandinas, encontramos a veia polêmica de que ele era capaz, dirigindo-se não mais contra os “hereges”, mas contra os “censores” maliciosos e ignorantes:

A presunção e a arrogância inoportuna de muitos filhos deste século, que criticam ostensivamente tudo o que não está de acordo com o seu espírito [...], oferecem-me a oportunidade, ou melhor, obrigam-me a redigir esta Prefácio, minhas queridas Irmãs, para armar e defender a vossa santa vocação contra as pontas das suas línguas pestilentas; para que as almas boas e piedosas, que sem dúvida estão ligadas ao vosso amável e honrado Instituto, encontrem aqui como repelir as flechas lançadas pela temeridade desses censores bizarros e insolentes.

Previendo talvez que tal preâmbulo corria o risco de prejudicar a causa, o fundador da Visitação escreveu uma segunda edição suavizada, com o objetivo de destacar a igualdade fundamental entre os sexos. Depois de citar o Gênesis, desta vez ele fez o seguinte comentário: “A mulher, portanto, não menos que o homem, tem a graça de ter sido feita à imagem de Deus; igual honra em ambos os sexos; suas virtudes são iguais”.

A educação das filhas

O inimigo do amor verdadeiro é a “ vaidade”. Este era o defeito que Francisco de Sales, assim como os moralistas e pedagogos de seu tempo, mais temia na educação das jovens. Ele destaca várias manifestações disso. Veja “ estas moças da alta sociedade, que, tendo-se bem estabelecido, andam por aí cheias de orgulho e vaidade, com a cabeça erguida, os olhos abertos, ansiosas por serem notadas pelos mundanos”.

O bispo de Genebra diverte-se um pouco ao ridicularizar essas “ moças da sociedade”, que “ usam chapéus espalhados e empoados”, com a cabeça “ ferrada como se fossem ferraduras de cavalo”, todas “ empinadas e enfeitadas com flores como não se pode dizer” e “ carregadas de enfeites”. Há aquelas que “ usam vestidos apertados e muito incômodos, para parecerem magras”; eis uma verdadeira “ loucura que, na maioria das vezes, as torna incapazes de fazer qualquer coisa”.

O que pensar, então, de certas belezas artificiais transformadas em “ boutiques de vaidade”? Francisco de Sales prefere um “ rosto limpo e puro”, deseja “ que não haja nada afetado, porque tudo o que é embelezado desagrada”. É preciso, então, condenar todo “ artifício”? Ele admite de bom grado que “ no caso de algum defeito da natureza, é preciso corrigi-lo de modo a ver a correção, mas despojado de todo artifício”.

E o perfume? perguntava-se o pregador falando de Madalena. “ É uma coisa excelente – responde –, até quem está perfumado percebe algo de excelente”; acrescentando, como

bom conhecedor, que “o almíscar da Espanha goza de grande estima no mundo”. No capítulo sobre a “decência das vestes”, ele permite que as jovens tenham roupas com vários ornamentos, “porque podem desejar livremente ser agradáveis a muitos, mas com o único objetivo de conquistar um jovem com vistas a um santo matrimônio”. Ele encerrava com esta observação indulgente: “O que vocês querem? É conveniente que as moças sejam um tanto graciosas”.

É oportuno acrescentar que a leitura da Bíblia o preparou para não ser severo diante da beleza feminina. No amante do *Cântico dos Cânticos*, ele admirava “a notável beleza de seu rosto semelhante a um *buquê* de flores”. Ele descreve Jacó que, ao encontrar Raquel junto ao poço, “derramava lágrimas de alegria ao ver uma virgem que lhe agradava e o encantava pela graça do rosto”. Ele também gostava de contar a história de Santa Brígida, nascida na Escócia, um país onde se admiram “as mais belas criaturas que se podem ver”; ela era “uma jovem extremamente atraente”, mas sua beleza era “natural”, indica o nosso autor.

O ideal de beleza salesiana chama-se “boa graça”, que designa não só “a perfeita harmonia das partes que tornam belo”, mas também a “graça dos movimentos, dos gestos e das ações, que é como a alma da vida e da beleza”, ou seja, a bondade do coração. A graça exige “simplicidade e modéstia”. Ora, a graça é uma perfeição que deriva do íntimo da pessoa. É a beleza unida à graça que faz de Rebeca o ideal feminino da Bíblia: ela era “tão bela e graciosa junto ao poço onde tirava água para dar de beber ao rebanho”, e sua “bondade familiar” a inspirava, além disso, a dar de beber não só aos servos de Abraão, mas também aos seus camelos.

Educação e preparação para a vida

Na época de São Francisco de Sales, as mulheres tinham poucas oportunidades de acesso aos estudos superiores. As meninas aprendiam o que ouviam de seus irmãos e, quando a família tinha condições, frequentavam um convento. A leitura era certamente mais frequente do que a escrita. Os

colégios eram reservados aos meninos, portanto, aprender latim, a língua da cultura, era praticamente proibido para as meninas.

É preciso acreditar que Francisco de Sales não era contra que as mulheres se tornassem pessoas cultas, mas desde que não caíssem na pedanteria e na vaidade. Ele admirava Santa Catarina, que era “muito erudita, mas humilde em tanta ciência”. Entre as interlocutoras do bispo de Genebra, a senhora de La Fléchère havia estudado latim, italiano, espanhol e belas-arts, mas era uma exceção.

Para encontrar um lugar na vida, tanto no âmbito social quanto no religioso, em determinado momento as jovens frequentemente precisavam de uma ajuda especial. Georges Rolland relata que o bispo ocupou-se pessoalmente de vários casos difíceis. Uma mulher de Genebra, com três filhas, foi generosamente assistida pelo bispo, “com dinheiro e créditos”; “colocou uma das filhas como aprendiz junto a uma senhora honesta da cidade, pagando-lhe a pensão durante seis anos, em grãos e dinheiro”. Ele também doou 500 florins para o casamento da filha de um impressor de Genebra.

A intolerância religiosa da época às vezes provocava dramas, aos quais Francisco de Sales tentava remediar. Marie-Judith Gilbert, educada em Paris pelos pais nos “erros de Calvino”, descobriu aos dezenove anos o livro da *Filoteia*, que ousava ler apenas em segredo. Ela simpatizou com o autor, de quem tinha ouvido falar. Vighada de perto pelo pai e pela mãe, conseguiu ser levada de carruagem, recebeu instrução na religião católica e entrou para as irmãs da Visitação.

O papel social das mulheres ainda era bastante limitado. Francisco de Sales não era totalmente contra a intervenção das mulheres na vida pública. Ele escreveu nestes termos, por exemplo, a uma mulher levada a intervir na esfera pública, a propósito e a despropósito:

O seu sexo e a sua vocação permitem-lhe reprimir o mal externo a si, mas apenas se isso for inspirado pelo bem e realizado

com repreensões simples, humildes e caridosas para com os transgressores e avisando os superiores, na medida do possível.

Por outro lado, é significativo que uma contemporânea de Francisco de Sales, a senhorita de Gournay, uma das primeiras feministas *ante litteram* [antes da palavra], intelectual e autora de textos polêmicos como seu tratado *A igualdade entre homens e mulheres* e *A queixa das mulheres*, tenha manifestado grande admiração por ele. Ela se empenhou durante toda a sua vida em demonstrar essa igualdade, reunindo todos os testemunhos possíveis a esse respeito, sem esquecer o do “bom e santo bispo de Genebra”.

Educação para o amor

Francisco de Sales falou muito sobre o amor de Deus, mas também foi muito atento às manifestações do amor humano. Para ele, de fato, o amor é uno, mesmo que seu “objeto” seja diferente e desigual. Para explicar o amor de Deus, ele não soube fazer melhor do que partir do amor humano.

O amor nasce da contemplação do belo, e o belo se deixa perceber pelos sentidos, sobretudo pelos olhos. Estabelece-se um fenômeno interativo entre o olhar e a beleza: “Contemplar a beleza nos faz amá-la, e o amor nos faz contemplá-la”. O olfato reage da mesma maneira; de fato, “os perfumes exercem seu único poder de atração com sua doçura”.

Após a intervenção dos sentidos externos, intervêm os sentidos internos, a fantasia, a imaginação, que exaltam e transfiguram a realidade: “Em virtude desse movimento recíproco do amor para a visão e da visão para o amor, da mesma forma que o amor torna mais resplandecente a beleza da coisa amada, assim a visão da coisa amada torna o amor mais apaixonado e agradável”. Compreende-se então por que “aqueles que pintaram Cupido lhe vendaram os olhos, afirmando que o amor é cego”. A este ponto surge o amor-paixão: ele faz “buscar o diálogo, e o diálogo muitas vezes alimenta e aumenta o amor”; além disso, “deseja o segredo, e quando os

apaixonados não têm nenhum segredo a dizer, às vezes se agradam em dizê-lo secretamente”; e, finalmente, induz a “proferir palavras que, certamente, seriam ridículas se não brotassem de um coração apaixonado”.

Ora, esse amor-paixão, que talvez se reduza apenas a “amorzinhos”, a “galanteios”, está exposto a várias vicissitudes, a tal ponto que leva o autor da *Filoteia* a intervir com uma série de considerações e advertências a respeito das “amizades frívolas que se estabelecem entre pessoas de sexos diferentes e sem intenção de casamento”. Muitas vezes, não passam de “abortos ou, melhor, aparências de amizade”.

Francisco de Sales também se expressou sobre o tema dos beijos, perguntando-se, por exemplo, com os antigos comentaristas, por que Raquel permitiu que Jacó a abraçasse. Ele explica que existem dois tipos de beijo: um mau e outro bom. Os beijos que os jovens trocam facilmente entre si e que no início não são maus, podem tornar-se maus devido à fragilidade humana. Mas o beijo também pode ser bom. Em determinados lugares, é exigido pelo costume. «O nosso Jacó abraça muito inocentemente a sua Raquel; Rachel aceita este beijo de cortesia por parte deste homem de bom caráter e rosto limpo». «Oh! – concluía Francisco de Sales – dai-me pessoas que tenham a inocência de Jacó e Raquel e eu permitirei que se beijem».

Na questão da dança e do baile, também em voga na época, o bispo de Genebra evitava mandamentos absolutos, como faziam os rigoristas da época, tanto católicos quanto protestantes, mostrando-se, no entanto, muito prudente. Chegaram mesmo a acusá-lo duramente de ter escrito que “as danças e os bailes, em si mesmos, são coisas indiferentes”. Tal como certos jogos, também eles se tornam perigosos quando se fica tão apegado a eles que não se consegue mais separar-se deles: o baile “deve ser feito por recreação e não por paixão; por pouco tempo e não até ficar cansado e atordoado”. O que é mais perigoso é o fato de que esses passatempos muitas vezes se tornam ocasiões que provocam “disputas, invejas, zombarias,

namoricos”.

A escolha do modo de vida

Quando a filha cresce, chega “o dia em que será preciso falar com ela, refiro-me a uma palavra decisiva, aquela em que se diz às jovens que se quer casá-las”. Homem do seu tempo, Francisco de Sales compartilhava em grande medida a ideia de que os pais tinham uma tarefa importante na determinação da vocação dos filhos, tanto para o casamento quanto para a vida religiosa. “Normalmente não se escolhe o próprio príncipe ou bispo, o próprio pai ou a própria mãe, e muitas vezes nem mesmo o próprio marido”, constatava o autor da Filoteia. No entanto, ele afirma claramente que “as filhas não podem ser dadas em casamento enquanto elas disserem não”.

A prática corrente é bem explicada nesta passagem da Filoteia: “Para que um casamento se realize verdadeiramente, são necessárias três coisas em relação à jovem que se quer dar em casamento: em primeiro lugar, que lhe seja feita a proposta; em segundo lugar, que ela a aceite; em terceiro lugar, que ela consinta”. Como as moças se casavam muito jovens, não se pode admirar sua imaturidade afetiva. “As moças que se casam muito jovens amam realmente seus maridos, se os têm, mas não deixam de amar também os anéis, as joias, as amigas com quem se divertem muito brincando, dançando e fazendo loucuras”.

O problema da liberdade de escolha se colocava igualmente para as crianças que se destinavam à vida religiosa. Franceschetta [Francisquinha], filha da baronesa de Chantal, deveria ser colocada em um convento por sua mãe, que desejava vê-la religiosa, mas o bispo interveio: “Se Franceschetta deseja ser religiosa, muito bem; caso contrário, não aprovo que se antecipe sua vontade com decisões que não são suas”. Além disso, não seria conveniente que a leitura das cartas de São Jerônimo orientasse demais a mãe no caminho da severidade e da coação. Por isso, aconselhou-a a “usar moderação” e a proceder com “inspirações suaves”.

Algumas jovens hesitam diante da vida

religiosa e do casamento, sem nunca chegar a se decidir. Francisco de Sales encorajou a futura senhora de Longecombe a dar o passo do casamento, que ele mesmo quis celebrar. Fez esta boa obra, dirá mais tarde o marido, à pergunta da esposa «que desejava casar-se pelas mãos do bispo e que, sem essa presença, nunca poderia dar esse passo, devido à grande aversão que nutria pelo casamento».

As mulheres e a «devoção»

Alheio a qualquer feminismo *ante litteram*, Francisco de Sales estava consciente da contribuição excepcional da feminilidade no plano espiritual. Foi observado que, ao favorecer a devoção nas mulheres, o autor da *Filoteia* favoreceu, ao mesmo tempo, a possibilidade de uma maior autonomia, uma “vida privada feminina”.

Não é de admirar que as mulheres tenham uma disposição especial para a “devoção”. Depois de enumerar um certo número de doutores e especialistas, ele pôde escrever no prefácio do Teótimo: “Mas para que se saiba que este tipo de escritos se redige melhor com a devoção dos apaixonados do que com a doutrina dos sábios, o Espírito Santo fez com que numerosas mulheres realizassem maravilhas a este respeito. Quem melhor manifestou as paixões celestiais do amor divino do que Santa Catarina de Gênova, Santa Ângela de Foligno, Santa Catarina de Sena e Santa Matilde?”. É conhecida a influência da Madre de Chantal na redação do Teótimo, e em particular do nono livro, “o seu nono livro do *Amor de Deus*”, segundo a expressão do autor.

As mulheres podiam se envolver em questões religiosas? “Eis, pois, esta mulher que se faz de teóloga”, diz Francisco de Sales, falando da Samaritana do Evangelho. É preciso necessariamente ver nisso uma desaprovação em relação às teólogas? Não é certo. Tanto mais que ele afirma com veemência: “Eu vos digo que uma mulher simples e pobre pode amar a Deus tanto quanto um doutor em teologia”. A superioridade nem sempre está onde se pensa.

Há mulheres superiores aos homens, a começar

pela Santa Virgem. Francisco de Sales respeita sempre o princípio da ordem estabelecida pelas leis religiosas e civis de seu tempo, às quais prega a obediência, mas sua prática testemunha uma grande liberdade de espírito. Assim, para o governo dos mosteiros femininos, ele considerava que era melhor para elas estarem sob a jurisdição do bispo do que depender de seus irmãos religiosos, que corriam o risco de exercer uma influência excessiva sobre elas.

As visitandinas, por sua vez, não dependeriam de nenhuma ordem masculina e não teriam nenhum governo central, estando cada mosteiro sob a jurisdição do bispo local. Ele ousou qualificar com o título inesperado de “apóstolas” as irmãs da Visitação que partiam para uma nova fundação.

Se interpretarmos corretamente o pensamento do bispo de Genebra, a missão eclesial das mulheres consiste em anunciar não a palavra de Deus, mas “a glória de Deus” com a beleza do seu testemunho. Os céus, reza o salmista, narram a glória de Deus apenas com o seu esplendor. “A beleza do céu e do firmamento convida os homens a admirar a grandeza do Criador e a anunciar as suas maravilhas”; e “não é talvez uma maravilha maior ver uma alma adornada com muitas virtudes do que um céu constelado de estrelas?”.

José Augusto Arribat: um Justo entre as Nações

1. Perfil biográfico

O Venerável José Augusto Arribat nasceu em 17 de dezembro de 1879 em Trédou (Rouergue – França). A pobreza de sua família obrigou o jovem Augusto a começar a escola secundária no oratório salesiano de Marselha somente aos 18

anos de idade. Devido à situação política da virada do século, ele começou a vida salesiana na Itália e recebeu a batina das mãos do Beato Miguel Rua. De volta à França, começou, como todos os seus coirmãos, a vida salesiana em um estado de semiclandestinidade, primeiro em Marselha e depois em La Navarre, fundada por Dom Bosco em 1878.

Ordenado sacerdote em 1912, foi chamado às armas durante a Primeira Guerra Mundial e trabalhou como enfermeiro maqueiro. Depois da guerra, o P. Arribat continuou a trabalhar intensamente em La Navarre até 1926; depois foi para Nice, onde permaneceu até 1931. Retornou a La Navarre como diretor e, ao mesmo tempo, responsável pela paróquia de Santo Isidoro, no vale de Sauvebonne. Seus paroquianos o chamavam de “o santo do vale”.

No final de seu terceiro ano, foi enviado a Morges, no cantão de Vaud, na Suíça. Em seguida, recebeu três mandatos sucessivos de seis anos cada, primeiro em Millau, depois em Villemur e, finalmente, em Thonon, na diocese de Annecy. Seu período mais perigoso e cheio de graça foi, provavelmente, a missão em Villemur durante a Segunda Guerra Mundial. Retornando a La Navarre em 1953, o P. Arribat permaneceu lá até sua morte, em 19 de março de 1963.

2. Profundamente homem de Deus

Homem do dever cotidiano, nada era secundário para ele, e todos sabiam que se levantava muito cedo para limpar os banheiros dos alunos e o pátio. Tendo se tornado diretor da casa salesiana, e querendo cumprir o seu dever até o fim e com perfeição, por respeito e amor aos outros, muitas vezes terminava os seus dias muito tarde, encurtando as suas horas de descanso. Por outro lado, estava sempre disponível, acolhedor para com todos, sabendo adaptar-se a todos, fossem benfeitores e grandes proprietários de terras, fossem empregados da casa, mantendo uma preocupação permanente com os noviços e os coirmãos, e especialmente com os jovens que lhe eram confiados.

Essa doação total de si mesmo se manifestou até o

ponto do heroísmo. Durante a Segunda Guerra Mundial, ele não hesitou em hospedar famílias e jovens judeus, expondo-se ao grave risco de indiscrição ou denúncia. Trinta e três anos após sua morte, aqueles que testemunharam diretamente seu heroísmo reconheceram o valor de sua coragem e o sacrifício de sua vida. Seu nome está inscrito em Jerusalém, onde ele foi oficialmente reconhecido como um “Justo entre as Nações”.

Ele foi reconhecido por todos como um verdadeiro homem de Deus, que fez “tudo por amor e nada por força”, como costumava dizer São Francisco de Sales. Aqui está o segredo de uma irradiação, cuja extensão total ele mesmo talvez não tenha percebido.

Todas as testemunhas notaram a fé viva desse servo de Deus, um homem de oração, sem ostentação. Sua fé era a fé radiante de um homem sempre unido a Deus, um verdadeiro homem de Deus e, em particular, um homem da Eucaristia.

Quando celebrava a missa ou quando rezava, emanava de sua pessoa uma espécie de fervor que não podia passar despercebido. Um coirmão declarou que: “Ao vê-lo fazer o grande sinal da cruz, todos sentiam uma lembrança oportuna da presença de Deus. Seu recolhimento no altar era impressionante”. Outro salesiano recorda que “ele fazia suas genuflexões à perfeição com coragem, uma expressão de adoração que levava à devoção”. O mesmo acrescenta: “Ele fortaleceu minha fé”.

Sua visão de fé brilhava no confessionário e nas conversas espirituais. Ele comunicava sua fé. Homem de esperança, ele confiava em Deus e em sua Providência em todos os momentos, mantendo a calma na tempestade e espalhando um senso de paz por toda parte.

Essa fé profunda foi ainda mais refinada nele durante os últimos dez anos de sua vida. Ele não tinha mais nenhuma responsabilidade e não conseguia mais ler com facilidade. Ele vivia apenas do essencial e dava testemunho disso com simplicidade, recebendo todos aqueles que sabiam que sua semicegueira não o impedia de ver claramente seus corações. No fundo da capela, seu confessionário era um lugar

cercado por jovens e vizinhos do vale.

3. “Eu não vim para ser servido...”

A imagem que as testemunhas preservaram do P. Augusto é a do servo do Evangelho, mas no sentido mais humilde. Varrer o pátio, limpar os banheiros dos alunos, lavar a louça, cuidar e vigiar os doentes, limpar o jardim, varrer o parque, decorar a capela, amarrar os sapatos das crianças, pentear seus cabelos, nada lhe repugnava e era impossível desviá-lo desses humildes exercícios de caridade. O “bom padre” Arribat era mais generoso com ações concretas do que com palavras: ele cedia de bom grado seu quarto a um visitante ocasional, que corria o risco de ser acomodado com menos conforto do que ele. Sua disponibilidade era permanente, em todos os momentos. Sua preocupação com a limpeza e a pobreza digna não o deixava em paz, pois a casa precisava ser aconchegante. Como era um homem de fácil contato, aproveitava suas longas caminhadas para cumprimentar a todos e dialogar, mesmo com os fanáticos anticlericais.

O P. Arribat viveu mais de trinta anos em La Navarre, na casa que o próprio Dom Bosco quis colocar sob a proteção de São José, chefe e servo da Sagrada Família, modelo de fé na clandestinidade e na discrição. Em sua solicitude com as necessidades materiais da casa e em sua proximidade com todas as pessoas dedicadas ao trabalho manual, camponeses, jardineiros, operários, trabalhadores manuais, pessoal da cozinha ou da lavanderia, esse sacerdote fazia pensar em São José, cujo nome também levava. E ele não morreu no dia 19 de março, a festa de São José?

4. Um autêntico educador salesiano

“A Providência me confiou de modo especial o cuidado da infância”, disse ele para resumir sua vocação específica de salesiano, discípulo de Dom Bosco, a serviço dos jovens, especialmente dos mais necessitados.

O P. Arribat não tinha nenhuma das qualidades particulares que facilmente se impõem exteriormente perante os

jovens. Não era um grande esportista, nem um intelectual brilhante, nem um orador que atraía multidões, nem um músico, nem um homem de teatro ou cinema, nada disso! Como explicar a influência que ele exercia sobre os jovens? Seu segredo não era outro senão o que havia aprendido com Dom Bosco, que conquistou seu pequeno mundo com três coisas consideradas fundamentais na educação dos jovens: razão, religião e bondade. Como “pai e mestre da juventude”, ele sabia como falar a linguagem da razão com os jovens, motivar, explicar, persuadir, convencer seus alunos, evitando os impulsos da paixão e da raiva. Colocou a religião no centro de sua vida e ação, não no sentido de imposição forçada, mas no testemunho luminoso de seu relacionamento com Deus, Jesus e Maria. Quanto à bondade amorosa, com a qual ele conquistou o coração dos jovens, vale a pena lembrar o que São Francisco de Sales disse sobre o servo de Deus: “Pegam-se mais moscas com uma colher de mel do que com um barril de vinagre”.

Particularmente autorizado é o testemunho do P. Pedro Ricaldone, futuro sucessor de Dom Bosco, que escreveu após sua visita canônica em 1923-1924: “O P. Augusto Arribat é catequista, confessor e lê as notas de comportamento! Ele é um santo coirmão. Só a sua bondade pode tornar menos incompatíveis os seus diferentes deveres”. Em seguida, ele repete o elogio: “É um excelente coirmão, não muito saudável. Por causa de suas boas maneiras, ele goza da confiança dos jovens mais crescidos, que quase todos vão até ele”.

Uma coisa que chamava a atenção era o respeito quase cerimonioso que ele demonstrava por todos, mas especialmente pelas crianças. Para um garotinho de oito anos, ele o chamava de “Monsieur” [senhor]. Uma senhora testemunhou: “Ele respeitava tanto o outro que o outro era quase obrigado a se elevar à dignidade que lhe era conferida como filho de Deus, e tudo isso sem sequer falar em religião”.

De rosto aberto e sorridente, esse filho de São Francisco de Sales e Dom Bosco não incomodava ninguém. Se a magreza de sua pessoa e o ascetismo lembravam o santo Cura d’Ars e o P. Rua, seu sorriso e sua doçura eram tipicamente

salesianos. Como disse uma testemunha: “Ele era o homem mais natural do mundo, cheio de humor, espontâneo em suas reações, jovem de coração”.

Suas palavras, que não eram as de um grande orador, eram eficazes porque emanavam da simplicidade e do fervor de sua alma.

Um de seus ex-alunos testemunhou: “Em nossas cabeças de crianças, em nossas conversas de infância, depois de ouvir as histórias da vida de João Maria Vianney, costumávamos representar o Padre Arribat como se ele fosse o Santo Cura d’Ars para nós. As horas de catecismo, apresentadas em linguagem simples, mas verdadeira, eram seguidas com grande atenção. Durante a missa, os bancos do fundo da capela estavam sempre cheios. Tínhamos a impressão de que estávamos encontrando Deus em sua bondade e isso marcou nossa juventude”.

5. O P. Arribat, um ecologista?

Aqui está uma característica original para completar o quadro dessa figura aparentemente comum. Ele era considerado quase um ecologista antes que esse termo fosse difundido. Como pequeno agricultor, ele aprendeu a amar e respeitar profundamente a natureza. Suas composições juvenis são cheias de frescor e observações muito finas, com um toque de poesia. Ele compartilhava espontaneamente o trabalho desse mundo rural, onde viveu grande parte de sua longa vida.

Falando de seu amor pelos animais, quantas vezes ele foi visto “o bom pai, com uma caixa debaixo do braço, cheia de migalhas de pão, fazendo laboriosamente o caminho do refeitório para suas pombas com pequenos passos muito dolorosos”. Fato incrível para aqueles que não viram, diz a pessoa que testemunhou a cena, as pombas, assim que o viam, avançavam em direção à grade como se quisessem lhe dar as boas-vindas. Ele abriu a gaiola e imediatamente elas vieram até ele, algumas delas subindo em seus ombros. “Ele falava com elas com expressões que não consigo lembrar, era como se conhecesse todas elas”. Quando um menino lhe trouxe um filhote

de pardal que havia tirado do ninho, ele lhe disse: “Você precisa dar liberdade a ele”. Também é contada a história de um cão lobo bastante feroz, que somente ele conseguiu domar e que veio deitar-se ao lado de seu caixão após sua morte.

O rápido perfil espiritual do P. Augusto Arribat nos deu algumas das características espirituais dos rostos dos santos dos quais ele se sentia próximo: a bondade amorosa de Dom Bosco, o ascetismo do P. Rua, a gentileza de São Francisco de Sales, a piedade sacerdotal do santo Cura d’Ars, o amor à natureza de São Francisco de Assis e o trabalho constante e fiel de São José.

Educar o coração humano com São Francisco de Sales

São Francisco de Sales coloca no centro da formação humana o coração, sede da vontade, do amor e da liberdade. Partindo da tradição bíblica e dialogando com a filosofia e a ciência de seu tempo, o bispo de Genebra identifica na vontade a “faculdade mestra” capaz de governar as paixões e os sentidos, enquanto os afetos – especialmente o amor – alimentam seu dinamismo interior. A educação salesiana, portanto, visa transformar desejos, escolhas e resoluções num caminho de domínio de si mesmo, onde a doçura e a firmeza convergem para orientar a pessoa inteira para o bem.

No centro e no ápice da pessoa humana, São Francisco de Sales coloca o coração, a ponto de dizer: «Quem conquista o coração do homem conquista todo o homem». Na antropologia salesiana, não se pode deixar de notar o uso abundante do termo e do conceito de *coração*. Isso surpreende ainda mais porque, entre os humanistas da época, impregnados de linguagens e

pensamentos da antiguidade, não parece haver uma insistência particular nesse símbolo.

Por um lado, esse fenômeno pode ser explicado pelo uso comum e universal do substantivo *coração* para designar a interioridade da pessoa, especialmente em relação à sua sensibilidade. Por outro lado, Francisco de Sales deve muito à tradição bíblica, que considera o coração como sede das faculdades mais elevadas do homem, como o amor, a vontade e a inteligência.

A essas considerações talvez se possam acrescentar as pesquisas contemporâneas de anatomia relacionadas ao *coração* e à circulação do sangue. O que é importante para nós é esclarecer o significado que Francisco de Sales atribuía ao coração, partindo de sua visão da pessoa humana, cujo centro e ápice são a vontade, o amor e a liberdade.

A vontade, faculdade mestra

Com as faculdades do espírito, como o intelecto e a memória, se permanece no âmbito do conhecer. Agora trata-se de adentrar no campo do agir. Como já haviam feito Santo Agostinho e alguns filósofos como Duns Scot, Francisco de Sales atribui o primeiro lugar à vontade, provavelmente sob a influência de seus mestres jesuítas. É a vontade que deve governar todas as «potências» da alma.

É significativo que o *Teótimo* comece com o capítulo intitulado: «Como, pela beleza da natureza humana, Deus deu à vontade o governo de todas as faculdades da alma». Citando Santo Tomás, Francisco de Sales afirma que o homem tem «pleno poder sobre todo tipo de acidentes e acontecimentos» e que «o homem sábio, ou seja, o homem que segue a razão, se tornará mestre absoluto dos astros». Com o intelecto e a memória, a vontade é «o terceiro soldado do nosso espírito e o mais forte de todos, porque nada pode sobrepujar o livre querer do homem; o próprio Deus que o criou não quer de forma alguma forçá-lo ou violentá-lo».

A vontade exerce, porém, sua autoridade de maneiras muito diferentes, e a obediência a ela devida é bastante variável. Assim, alguns de nossos membros, não impedidos de se mover,

obedecem à vontade sem problema. Abrimos e fechamos a boca, movemos a língua, as mãos, os pés, os olhos ao nosso gosto e quanto queremos. A vontade exerce um poder sobre o funcionamento dos cinco sentidos, mas trata-se de um poder indireto: para não ver com os olhos, devo desviá-los ou fechá-los; para praticar a abstinência, devo ordenar às mãos que não levem comida à boca.

A vontade pode e deve dominar o apetite sensível com suas doze paixões. Embora ele tenda a se comportar como «um sujeito rebelde, sedicioso, inquieto», a vontade às vezes pode e deve dominá-lo, mesmo que isso custe uma longa luta. A vontade tem poder também sobre as faculdades superiores do espírito, a memória, o intelecto e a imaginação, porque é ela que decide aplicar o espírito a tal objeto e desviá-lo deste ou daquele pensamento; mas não pode regulá-los e fazê-los obedecer sem dificuldade, pois a imaginação tem a característica de ser extremamente «mutável e volúvel».

Mas como funciona a vontade? A resposta é relativamente fácil se nos referirmos ao modelo salesiano da meditação ou oração mental, com as três partes que a compõem: as «considerações», os «afetos» e as «resoluções». As primeiras consistem em refletir e meditar sobre um bem, uma verdade, um valor. Essa reflexão normalmente produz afetos, ou seja, grandes desejos de adquirir e possuir esse bem ou valor, e esses afetos são capazes de «mover a vontade». Por fim, a vontade, uma vez «movidada», produz as «resoluções».

Os «afetos» que movem a vontade

A vontade, sendo considerada por Francisco de Sales como um «apetite», é uma «faculdade afetiva». Mas é um apetite racional e não sensível ou sensual. O apetite produz movimentos, e enquanto os do apetite sensível são ordinariamente chamados de «paixões», os da vontade são chamados de «afetos», pois «pressionam» ou «movem» a vontade. O autor do *Teótimo* também chama os primeiros de «paixões do corpo» e os segundos de «afetos do coração». Subindo do âmbito sensível para o racional, as doze paixões da alma se

transformam em afetos racionais.

Nos diferentes modelos de meditação propostos na *Introdução à vida devota*, o autor convida Filoteia, por meio de uma série de expressões vivas e significativas, a cultivar todas as formas de afetos voluntários: o *amor* do bem («voltar o próprio coração para», «afeiçoar-se», «abraçar», «apegar-se», «unir-se»); o *ódio* do mal («detestá-lo», «romper todo vínculo», «pisotear»); o *desejo* («aspirar», «implorar», «invocar», «suplicar»); a *fuga* («desprezar», «separar-se», «afastar-se», «remover», «abjurar»); a *esperança* («ora, pois! Ó meu coração!»); o *desespero* («oh! É grande a minha indignidade!»); a *alegria* («alegrar-se», «deleitar-se»); a *tristeza* («afligir-se», «confundir-se», «rebaixar-se», «humilhar-se»); a *ira* («recriminar», «expulsar», «arrancar»); o *medo* («tremar», «assustar a alma»); a *coragem* («encorajar», «fortalecer»); e finalmente o *triunfo* («exaltar», «glorificar»).

Os estoicos, negadores das paixões – mas erroneamente – admitiam, porém, a existência desses afetos racionais, que chamavam de «*eupatias*» ou paixões boas. Afirmavam «que o sábio não cobiçava, mas queria; que não sentia alegria, mas júbilo; que não estava sujeito ao medo, mas era previdente e cauteloso; por isso era movido apenas pela razão e segundo a razão».

Reconhecer o papel dos afetos no processo decisório parece indispensável. É significativo que a meditação destinada a culminar nas resoluções lhes reserve um papel central. Em certos casos, explica o autor da *Filoteia*, pode-se quase dispensar as considerações ou abreviá-las, mas os afetos nunca devem faltar porque são eles que motivam as resoluções. Quando surge um afeto bom, escrevia, «deve-se deixá-lo livre e não tentar seguir o método que indiquei», pois as considerações servem apenas para excitar o afeto.

O amor, primeiro e principal «afeto»

Para São Francisco de Sales, o amor aparece sempre em primeiro lugar tanto na lista das paixões quanto na dos

afetos. O que é o amor? perguntava Jean-Pierre Camus ao amigo, o bispo de Genebra, que respondeu: «O amor é a primeira paixão do nosso apetite sensível e o primeiro afeto do apetite racional, que é a vontade; pois nossa vontade não é outra coisa senão o amor do bem, e o amor é querer o bem».

O amor governa os outros afetos e entra primeiro no coração: «A tristeza, o medo, a esperança, o ódio e os outros afetos da alma não entram no coração se o amor não os arrasta consigo».

Na esteira de Santo Agostinho, para quem «viver é amar», o autor do *Teótimo* explica que os outros onze afetos que povoam o coração humano dependem do amor: «O amor é a vida do nosso coração [...]. Todos os nossos afetos seguem o nosso amor e, segundo ele, desejamos, nos deleitamos, esperamos e desesperamos, tememos, nos encorajamos, odiamos, fugimos, nos entristecemos, nos irritamos, nos sentimos triunfantes».

Curiosamente, a vontade tem antes de tudo uma dimensão passiva, enquanto o amor é a potência ativa que move e comove. A vontade não chega a decidir se não é movida por um estímulo predominante: o amor. Tomando o exemplo do ferro atraído pela ímã, deve-se dizer que a vontade é o ferro e o amor é o ímã.

Para ilustrar o dinamismo do amor, o autor do *Teótimo* também usa a imagem da árvore. Com precisão botânica, analisa as «cinco partes principais» do amor, que é «como uma bela árvore, cuja raiz é a conveniência da vontade com o bem, a cepa é o contentamento, o tronco é a tensão, os ramos são as buscas, as tentativas e outros esforços, mas somente o fruto é a união e o gozo».

O amor se impõe à própria vontade. Tal é a força do amor que, para quem ama, nada é difícil, «para o amor nada é impossível». O amor é forte como a morte, repete Francisco de Sales com o *Cântico dos Cânticos*; ou melhor, o amor é mais forte que a morte. A bem ver, o homem vale apenas pelo amor, e todas as potências e faculdades humanas, especialmente a vontade, tendem a ele: «Deus quer o homem somente pela alma, e a alma somente pela vontade e a vontade somente pelo amor».

Para explicar seu pensamento, o autor do *Teótimo* recorre à

imagem das relações entre homem e mulher, tal como eram codificadas e vividas em sua época. A jovem mulher entre os pretendentes que a cortejam pode escolher aquele que mais lhe agrada. Mas depois do casamento, perde a liberdade e, de dona, torna-se submetida à potestade do marido, permanecendo presa àquele que ela mesma escolheu. Assim a vontade, que tem a escolha do amor, depois de abraçar um, fica submissa a ele.

A luta da vontade pela liberdade interior

Querer é escolher. Enquanto se é criança, ainda se é totalmente dependente e incapaz de escolher, mas ao crescer as coisas mudam rapidamente e as escolhas se impõem. As crianças não são nem boas nem más, porque não conseguem escolher entre o bem e o mal. Durante a infância, caminham como quem sai de uma cidade e por um tempo vai em linha reta; mas depois descobrem que o caminho se divide em duas direções; cabe a elas escolher a direita ou a esquerda, conforme desejarem, para ir aonde quiserem.

Normalmente, as escolhas são difíceis porque exigem que se renuncie a um bem em favor de outro. Geralmente, a escolha deve ser feita entre o que se sente e o que se quer, pois há uma grande diferença entre sentir e consentir. O jovem tentado por uma “mulher desregrada”, de quem fala São Jerônimo, tinha a imaginação “extremamente ocupada por tal presença voluptuosa”, mas superou a prova com um puro ato da vontade superior. A vontade, sitiada por todos os lados e pressionada a dar seu consentimento, resistiu à paixão sensual.

A escolha também se impõe diante de outras paixões e afetos: “Pise com os pés suas sensações, desconfianças, medos, aversões” – aconselha Francisco de Sales a uma pessoa sob sua direção –, pedindo que ela se posicione do “lado da inspiração e da razão contra o lado do instinto e da aversão”. O amor usa a força da vontade para governar todas as faculdades e todas as paixões. Será um “amor armado” e esse amor armado submeterá nossas paixões. Essa vontade livre “reside na parte suprema e mais espiritual da alma” e “não depende de nada além de Deus e de si mesma; e quando todas as outras faculdades da alma estão

perdidas e submetidas ao inimigo, só ela permanece dona de si para não consentir de forma alguma”.

Porém, a escolha não está apenas no objetivo a ser alcançado, mas também na intenção que preside a ação. É um aspecto ao qual Francisco de Sales é particularmente sensível, porque toca a qualidade do agir. De fato, o fim perseguido dá sentido à ação. Pode-se decidir realizar um ato por muitos motivos. Diferentemente dos animais, “o homem é tão senhor de suas ações humanas e racionais que as realiza todas por um fim”; pode até mudar o fim natural de uma ação, acrescentando-lhe um fim secundário, “como quando, além da intenção de socorrer o pobre a quem se destina a esmola, acrescenta a intenção de obrigar o indigente a fazer o mesmo”. Entre os pagãos, as intenções raramente eram desinteressadas, e em nós as intenções podem estar contaminadas “pelo orgulho, pela vaidade, pelo interesse temporal ou por algum outro motivo ruim”. Às vezes “fingimos querer ser os últimos e nos sentamos no fim da mesa, mas para passar com mais honra para a cabeceira”.

“Purifiquemos, portanto, Teótimo, enquanto pudermos, todas as nossas intenções”, pede o autor do *Tratado do amor de Deus*. A boa intenção “anima” as menores ações e os gestos simples do dia a dia. De fato, “atingimos a perfeição não fazendo muitas coisas, mas fazendo-as com uma intenção pura e perfeita”. Não se deve perder a coragem, porque “sempre se pode corrigir a própria intenção, purificá-la e melhorá-la”.

0 fruto da vontade são as “resoluções”

Depois de destacar o caráter passivo da vontade, cuja primeira propriedade consiste em deixar-se atrair pelo bem apresentado pela razão, convém mostrar seu aspecto ativo. São Francisco de Sales atribui grande importância à distinção entre vontade afetiva e vontade efetiva, assim como entre amor afetivo e amor efetivo. O amor afetivo se assemelha ao amor de um pai pelo filho menor, “um pequenino gracioso ainda criança, muito gentil”, enquanto o amor que demonstra ao filho maior, “homem já feito, bom e nobre soldado”, é de outra espécie:

“Este último é amado com um amor efetivo, enquanto o pequenino é amado com um amor afetivo”.

Da mesma forma, falando da “constância da vontade”, o bispo de Genebra afirma que não se pode contentar com uma “constância sensível”; é necessária uma constância “situada na parte superior do espírito e que seja efetiva”. Chega o momento em que não se deve mais “especular com o raciocínio”, mas “endurecer a vontade”. “Nossa alma esteja triste ou alegre, submersa na doçura ou na amargura, em paz ou perturbada, luminosa ou sombria, tentada ou tranquila, cheia de prazer ou de desgosto, imersa na aridez ou na ternura, queimada pelo sol ou refrescada pelo orvalho”, não importa, uma vontade forte não se deixa facilmente desviar de seus propósitos. “Permaneçamos firmes em nossos propósitos, inflexíveis em nossas resoluções”, pede o autor da *Filoteia*. É a faculdade mestra da qual depende o valor da pessoa: “O mundo inteiro vale menos que uma alma e uma alma não vale nada sem nossos bons propósitos”.

O substantivo “resolução” indica uma decisão que chega ao fim de um processo, que envolveu o raciocínio com sua capacidade de discernir e o coração, entendido como uma afetividade que se deixa mover por um bem atraente. Na “declaração autêntica” que o autor da *Introdução à vida devota* convida Filoteia a pronunciar, lê-se: “Esta é a minha vontade, minha intenção e minha decisão, inviolável e irrevogável, vontade que confesso e confirmo sem reservas ou exceções”. Uma meditação que não se traduz em atos concretos não serviria para nada.

Nas dez *Meditações* propostas como modelo na primeira parte da *Filoteia*, encontramos expressões frequentes como estas: “quero”, “não quero mais”, “sim, seguirei as inspirações e os conselhos”, “farei todo o possível”, “quero fazer isto ou aquilo”, “farei este ou aquele esforço”, “farei esta ou aquela coisa”, “escolho”, “quero participar”, ou ainda “quero assumir o cuidado requerido”.

A vontade de Francisco de Sales frequentemente assume um aspecto passivo; aqui, porém, revela todo seu dinamismo extremamente ativo. Não é sem razão que se pôde falar do

voluntarismo salesiano.

Francisco de Sales, educador do coração humano

Francisco de Sales foi considerado um “admirável educador da vontade”. Dizer que foi um admirável educador do coração humano significa, mais ou menos, a mesma coisa, mas com a adição de uma nuance afetiva, característica da concepção salesiana do coração. Como vimos, ele não negligenciou nenhum componente do ser humano: o corpo com seus sentidos, a alma com suas paixões, o espírito com suas faculdades, em particular intelectuais. Mas o que mais lhe importa é o coração humano, sobre o qual escrevia a uma de suas correspondentes: “É necessário, portanto, cultivar com grande cuidado este coração amado e não poupar nada do que possa ser útil à sua felicidade”.

Agora, o coração do homem é “inquieto”, segundo o dito de Santo Agostinho, porque está cheio de desejos insaciados. Parece que nunca tem “repouso nem tranquilidade”. Francisco de Sales propõe então uma educação também dos desejos. A. Ravier também falou de um “discernimento ou de uma política do desejo”. De fato, o principal inimigo da vontade “é a quantidade de desejos que temos desta ou daquela coisa. Em resumo, nossa vontade está tão cheia de pretensões e projetos que muitas vezes não faz outra coisa senão perder tempo considerando-os um a um ou todos juntos, em vez de se empenhar para realizar um mais útil”.

Um bom pedagogo sabe que, para conduzir seu aluno ao objetivo proposto, seja ele o saber ou a virtude, é imprescindível apresentar-lhe um projeto que mobilize suas energias. Francisco de Sales revela-se um mestre na arte de motivar, como ensina à sua “filha”, Joana de Chantal, uma de suas máximas preferidas: “É preciso fazer tudo por amor e nada por força”. No *Teótimo* afirma que “a alegria abre o coração como a tristeza o fecha”. O amor, de fato, é a vida do coração.

No entanto, a força não deve faltar. Ao jovem que estava prestes a “zarpar no vasto mar do mundo”, o bispo de Genebra aconselhava “um coração vigoroso” e “um coração nobre”, capaz

de governar os desejos. Francisco de Sales quer um coração doce e pacífico, puro, indiferente, um “coração despido de afetos” incompatíveis com a vocação, um coração “reto”, “tranquilo e sem qualquer constrangimento”. Não gosta da “ternura de coração” que se reduz à busca de si mesmo, e exige, em vez disso, a “firmeza de coração” na ação. “A um coração valente nada é impossível” – escreve a uma senhora –, para encorajá-la a não abandonar “o curso das santas resoluções”. Quer um “coração viril” e ao mesmo tempo um coração “dócil, maleável e submisso, rendido a tudo o que é permitido e pronto para assumir todo compromisso por obediência e caridade”; um “coração doce para com o próximo e humilde diante de Deus”, “nobremente orgulhoso” e “perenemente humilde”, “doce e pacífico”.

No fim das contas, a educação da vontade visa ao pleno autodomínio, que Francisco de Sales expressa por meio de uma imagem: tomar o coração nas mãos, possuir o coração ou a alma. “A grande alegria do homem, Filoteia, é possuir a própria alma; e quanto mais a paciência se torna perfeita, mais perfeitamente possuímos nossa alma”. Isso não significa insensibilidade, ausência de paixões ou afetos, mas uma tensão para o domínio de si mesmo. Trata-se de um caminho dirigido à autonomia de si, garantida pela supremacia da vontade, livre e racional, mas de uma autonomia governada pelo amor soberano.

Foto: Retrato de São Francisco de Sales na Basílica do Sagrado Coração de Jesus em Roma. Obra em tela realizada pelo pintor romano Attilio Palombi e oferecida como presente pelo cardeal Lucido Maria Parocchi.

Educar as faculdades do nosso espírito com São Francisco de Sales

São Francisco de Sales apresenta o espírito como a parte mais elevada da alma, governada pelo intelecto, memória e vontade. O coração de sua pedagogia é a autoridade da razão, “tocha divina” que torna o homem verdadeiramente humano e deve guiar, iluminar e disciplinar as paixões, a imaginação e os sentidos. Educar o espírito significa, portanto, cultivar o intelecto por meio do estudo, meditação e contemplação, exercitar a memória como depósito das graças recebidas e fortalecer a vontade para que escolha constantemente o bem. Dessa harmonia nascem as virtudes cardeais – prudência, justiça, fortaleza e temperança – que formam pessoas livres, equilibradas e capazes de caridade autêntica.

O espírito é considerado, por Francisco de Sales, como a parte superior da alma. Suas faculdades são o intelecto, a memória e a vontade. A imaginação poderia fazer parte na medida em que a razão e a vontade intervêm em seu funcionamento. A vontade, por sua vez, é a faculdade mestra à qual convém reservar um tratamento particular. O espírito faz com que o ser humano se torne, segundo a definição clássica, um «animal racional». «Somos seres humanos somente mediante a razão», escreve Francisco de Sales. Depois das «graças corporais», há «os dons do espírito», que deveriam ser objeto de nossas reflexões e de nosso reconhecimento. Entre eles, o autor da *Filotea* distingue os dons recebidos da natureza e aqueles adquiridos com a educação:

Considerai os dons do espírito: quanta gente há no mundo idiota, tolas, mentalmente perturbadas. Por que não vos encontrais entre eles? Deus vos favoreceu. Quantos foram educados grosseiramente e na mais extrema ignorância: mas vós,

a Providência divina vos fez crescer de um modo civil e honrado.

A razão, “divina tocha”

No texto *Esercizio del sonno o riposo spirituale* (*Exercício do sono ou repouso espiritual*), escrito em Pádua, quando tinha vinte e três anos, Francisco se propunha a meditar um argumento que surpreende:

Farei uma pausa para admirar a beleza da razão que Deus concedeu ao ser humano, para que, iluminado e instruído pelo seu maravilhoso esplendor, odiasse o vício e amasse a virtude. Oh! Sigamos a resplandecente luz desta divina tocha, porque nos é dada em uso para ver por onde caminhamos! Ah! Se nos deixarmos conduzir pelos seus ditames, raramente tropeçaremos, dificilmente nos machucaremos.

«A razão natural é uma árvore boa que Deus plantou em nós, os frutos dela só podem ser bons», afirma o autor do livro *Teotimo*; é verdade que ela está «gravemente ferida e quase morta por causa do pecado», mas seu exercício não é fundamentalmente impedido.

No reino interior do ser humano, «a razão deve ser a rainha, à qual todas as faculdades do nosso espírito, todos os nossos sentidos e o próprio corpo devem permanecer absolutamente submissos». É a razão que distingue o ser humano do animal, por isso é preciso ter cuidado para não imitar «os macacos e os símios que estão sempre amuados, tristes e lamentosos quando falta a lua; depois, ao contrário, na lua nova, saltam, dançam e fazem todas as caretas possíveis». É necessário fazer reinar «a autoridade da razão», reitera Francisco de Sales.

Entre a parte superior do espírito, que deve reinar, e a parte inferior do nosso ser, designada às vezes por Francisco de Sales com o termo bíblico de «carne», a luta por vezes se torna áspera. Cada frente tem seus aliados. O espírito, «fortaleza da alma», é acompanhado «por três soldados: o intelecto, a memória e a vontade». Atentos, portanto, à

«carne» que conspira e busca aliados no local:

A carne usa ora o intelecto, ora a vontade, ora a imaginação, as quais, associando-se contra a razão, lhe deixam o campo livre, criando divisão e fazendo um mau serviço à razão. [...]. A carne atrai a vontade, às vezes, com os prazeres e, às vezes, com as riquezas; ora solicita a imaginação a criar pretensões, ora suscita no intelecto uma grande curiosidade, tudo com o pretexto do bem.

Nesta luta, mesmo quando todas as paixões da alma parecem transtornadas, nada está perdido enquanto o espírito resiste: «Se estes soldados fossem fiéis, o espírito não teria nenhum temor e não daria nenhum peso aos próprios inimigos: como soldados que, dispendo de suficientes munições, resistem no bastião de uma fortaleza inexpugnável, apesar de os inimigos se encontrarem nos subúrbios ou até mesmo já terem tomado a cidade; aconteceu à cidadela de Nice, diante da qual a força de três grandes príncipes não conseguiu superar a resistência dos defensores». A causa de todas estas lacerações interiores é o amor-próprio. Com efeito, «os nossos raciocínios ordinariamente estão cheios de motivações, opiniões e considerações sugeridas pelo amor-próprio, e isso causa grandes conflitos na alma».

No âmbito educativo, é importante fazer sentir a superioridade do espírito. «Aqui está o princípio de uma educação humana», diz o P. Lajeunie, «mostrar à criança, assim que sua razão desperta, o que é belo e bom, e afastá-la do que é mau; criar deste modo em seu coração o hábito de controlar seus reflexos instintivos, em vez de segui-los servilmente; é assim, de fato, que se forma este processo de sensualização que a torna escrava de seus desejos espontâneos. No momento de escolhas decisivas, tal hábito de ceder sempre às pulsões instintivas, sem se controlar, pode se revelar catastrófico».

0 intelecto, “olho da alma”

0 intelecto, faculdade tipicamente humana e racional, que

consente conhecer e compreender, frequentemente é comparado à visão. Afirma-se, por exemplo: «Eu vejo», para dizer: «Eu compreendo». Para Francisco de Sales, o intelecto é «o olho da alma»; daí sua expressão «o olho do vosso intelecto». A incrível atividade de que é capaz o torna semelhante a «um operário, o qual, com as centenas de milhares de olhos e de mãos, como um outro 'Argo', cumpre mais obras do que todos os trabalhadores do mundo, porque não há nada no mundo que não seja capaz de representar».

Como funciona o intelecto humano? Francisco de Sales analisou, com precisão, as quatro operações de que ele é capaz: o pensamento simples, o estudo, a meditação e a contemplação. O pensamento simples se faz sobre uma grande diversidade de coisas, sem nenhum fim, «como fazem as moscas que pousam sobre as flores sem querer extrair nenhum suco, mas somente porque as encontram». Quando o intelecto passa de um pensamento ao outro, os pensamentos que assim o entulham são ordinariamente «inúteis e danosos». O estudo, ao contrário, visa considerar as coisas «para conhecê-las, para compreendê-las e para falar bem delas», com o objetivo de «encher a memória», como fazem os besouros que «pousam sobre as rosas para nenhum outro fim senão para saciar-se e encher o ventre».

Francisco de Sales podia parar aqui, mas conhecia e recomendava outras duas formas mais elevadas. Enquanto o estudo visa aumentar os conhecimentos, a meditação tem como objetivo «mover os afetos e, em particular, o amor»: «Fixemos o nosso intelecto sobre o mistério do qual esperamos poder extrair bons afetos», como a pomba que «arrulha retendo a respiração e, mediante o murmúrio que produz na garganta sem deixar sair a respiração, produz o seu típico canto».

A atividade suprema do intelecto é a contemplação, que consiste em alegrar-se do bem conhecido, através da meditação, e amado, mediante tal conhecimento; desta vez assemelhamo-nos aos passarinhos que se divertem na gaiola somente para «agradar ao mestre». Com a contemplação o espírito humano atinge o seu vértice; o autor do *Teotimo* afirma que a razão «vivifica, enfim, o intelecto, com a contemplação».

Retornemos ao estudo, a atividade intelectual que nos interessa mais de perto. «Há um velho axioma dos filósofos, segundo o qual todo ser humano deseja conhecer». Retomando, por sua vez, esta afirmação de Aristóteles, como também o exemplo de Platão, Francisco de Sales pretende demonstrar que isso constitui um grande privilégio. O que o ser humano quer conhecer é a verdade. A verdade é mais bela do que aquela «famosa Helena, pela cuja beleza morreram tantos gregos e troianos». O espírito é feito para a busca da verdade: «A verdade é o objeto do nosso intelecto, o qual, por conseguinte, descobrindo e conhecendo a verdade das coisas, se sente plenamente satisfeito e contente». Quando o espírito encontra algo de novo experimenta uma alegria intensa e quando começa a encontrar alguma coisa de belo, é impelido a continuar a busca, «como aqueles que encontraram uma mina de ouro e são estimulados a ir sempre em frente para encontrar muito mais deste precioso metal». O espanto que produz a descoberta é um potente estímulo; «a admiração, de fato, deu origem à filosofia e à atenta busca das coisas naturais». Sendo Deus a verdade suprema, o conhecimento de Deus é a ciência suprema que preenche o nosso espírito. É ele que nos «doou o intelecto para conhecê-lo»; fora dele há somente «pensamentos vãos e reflexões inúteis!».

Cultivar a própria inteligência

O que caracteriza o ser humano é o grande desejo de conhecer. Foi esse desejo que «induziu o grande Platão a sair de Atenas e correr tanto», e «a induzir esses antigos filósofos a renunciarem às suas comodidades corporais». Alguns chegam até a jejuar diligentemente «para poder estudar melhor». O estudo, de fato, produz um prazer intelectual, superior aos prazeres sensuais e difícil de deter: «O amor intelectual, encontrando na união com o seu objeto uma satisfação inesperada, aperfeiçoa o conhecimento, continuando assim a unir-se a ele, e unindo-se cada vez mais, não cessa de continuar a fazê-lo». Trata-se de «iluminar bem o intelecto», esforçando-se para «purgá-lo» das trevas da «ignorância». Ele denuncia «a

obtusidade e a indolência de espírito, que não quer saber o que é necessário» e insiste no valor do estudo e do aprendizado: «Estudem sempre mais, com diligência e humildade», escrevia a um estudante. Mas não basta «purgar» o intelecto da ignorância, é preciso também «embelezá-lo e adorná-lo», «decorá-lo com considerações». Para conhecer perfeitamente uma coisa, é necessário aprender bem, dedicar tempo a «sujeitar» o intelecto, ou seja, a fixá-lo em uma coisa, antes de passar a outra.

O jovem Francisco de Sales aplicava a sua inteligência não só aos estudos e aos conteúdos intelectuais, mas também a certos assuntos essenciais para a vida do ser humano na terra, e, em particular, à «consideração da vaidade da grandeza, das riquezas, das honras, das comodidades e dos prazeres voluptuosos deste mundo»; à «consideração da maldade, abjeta e deplorável miséria, presentes no vício e no pecado», e ao «conhecimento da excelência da virtude».

O espírito humano é frequentemente distraído, esquece, contenta-se com um conhecimento vago ou vão. Através da meditação, não só das verdades eternas, mas também dos fenômenos e dos acontecimentos do mundo, é capaz de alcançar uma visão mais realista e mais profunda da realidade. Por este motivo, nas *Meditações* propostas pelo autor a Filotéia, há uma primeira parte dedicada a ela intitulada *Considerações*.

Considerar significa aplicar o espírito a um objeto preciso, examinar com atenção os seus diversos aspectos. Francisco de Sales convida Filotéia a «pensar», a «ver», a examinar os diferentes «pontos», alguns dos quais merecem ser considerados «à parte». Exorta a ver as coisas em geral e a descer depois aos casos particulares. Quer que se examinem os princípios, as causas e as consequências de uma determinada verdade, de uma dada situação, como também as circunstâncias que a acompanham. É preciso também saber «pesar» certas palavras ou sentenças, cuja importância corre o risco de nos escapar, considerá-las uma a uma, confrontá-las uma com a outra.

Assim como acontece com tudo, também no desejo de conhecer pode haver excessos e deformações. Atenção à vaidade de falsos

sábios: alguns, de fato, «pelo pouco de ciência que têm, querem ser honrados e respeitados por todos, como se cada um devesse ir à sua escola e tê-los como mestres: por isso são chamados arrogantes». Ora, «a ciência nos desonra quando nos infla, tornando-nos arrogantes». Que coisa ridícula querer instruir Minerva, *Minervam docere*, a deusa da sabedoria! «A peste da ciência é a presunção, que infla os espíritos e os torna hidróticos, como são ordinariamente os sábios do mundo». Quando se trata de problemas que nos superam e que se enquadram no âmbito dos mistérios da fé, é necessário «purificá-los de toda a curiosidade», é preciso «mantê-los bem fechados e cobertos diante de tais vãs e tolas questões e curiosidades». É a «pureza intelectual», a «segunda modéstia» ou a «modéstia interior». Enfim, deve-se saber que o intelecto pode errar e que existe o «pecado do intelecto», como aquele que Francisco de Sales repreende à senhora de Chantal, a qual havia cometido um erro depositando uma exagerada estima no seu diretor.

A memória e os seus «armazéns»

Assim como o intelecto, a memória é uma faculdade do espírito que suscita admiração. Francisco de Sales a compara a um armazém «que vale mais do que os de Antuérpia ou de Veneza». Não se diz porventura «armazenar» na memória? A memória é um soldado cuja fidelidade nos é muito útil. É um dom de Deus, declara o autor da *Introdução à vida devota*: Deus a concedeu «para que vos recordeis dele», diz a Filotéia, convidando-a a fugir «das recordações detestáveis e frívolas».

Esta faculdade do espírito humano precisa ser treinada. Quando era estudante em Pádua, o jovem Francisco exercitava a sua memória não só nos estudos, mas também na vida espiritual, na qual a memória dos benefícios recebidos é um elemento fundamental:

Antes de tudo, dedicar-me-ei a refrescar a minha memória com todas as boas motivações, desejos, afetos, propósitos, projetos, sentimentos e doçuras que, no passado, a divina

Majestade me inspirou e me fez experimentar, considerando os seus santos mistérios, a beleza da virtude, a nobreza do seu serviço e uma infinidade de benefícios que me concedeu livremente; porei ordem, também, nas minhas recordações acerca das obrigações que tenho para com ela pelo fato de que, pela sua santa graça, às vezes debilitou os meus sentidos enviando-me algumas doenças e enfermidades, das quais tirei grande proveito.

Nas dificuldades e nos medos é indispensável servir-se dela «para recordar-se das promessas» e para «permanecer firmes confiando que tudo perecerá, mesmo que as promessas não tenham sido cumpridas». Todavia, a memória do passado nem sempre é boa, porque pode gerar tristeza, como aconteceu a um discípulo de São Bernardo, que foi assaltado por uma má tentação quando começou «a recordar os amigos do mundo, os parentes, os bens que havia deixado». Em certas circunstâncias excepcionais da vida espiritual «é necessário purificá-la da recordação de coisas caducas e de assuntos mundanos, e esquecer por um certo tempo as coisas materiais e temporais, ainda que boas e úteis». No campo moral, para exercer a virtude, a pessoa que se sentiu ofendida tomará uma medida radical: «Recordo-me demais das flechadas e injúrias, de agora em diante perderei a memória».

«Devemos ter um espírito justo e razoável»

As capacidades do espírito humano, em particular do intelecto e da memória, não são destinadas só a gloriosas empresas intelectuais, mas também e sobretudo à condução da vida. Procurar conhecer o ser humano, compreender a vida e definir as normas referentes aos comportamentos conformes à razão, estes deveriam ser os deveres fundamentais do espírito humano e da sua educação. A parte central da *Filotea*, que trata do «exercício das virtudes», contém, quase no fim, um capítulo que resume de certo modo o ensinamento de Francisco de Sales sobre as virtudes: «Devemos ter um espírito justo e razoável». Com fineza e uma pitada de humor, o autor denuncia numerosas

condutas bizarras, insanas ou simplesmente injustas: «Acusamos o próximo por pouco, e desculpamos nós mesmos por muito mais»; «queremos vender com um preço alto e comprar a bom preço»; «o que fazemos pelos outros nos parece sempre muito, e o que fazem os outros por nós é nada»; «temos um coração doce, gracioso e cortês para conosco, e um coração duro, severo e rigoroso para com o próximo»; «temos dois pesos: um para pesar as nossas comodidades, com a maior vantagem possível para nós, o outro para pesar as do próximo, com a maior desvantagem que se pode». Para julgar bem, aconselha a Filotéia, é necessário sempre colocar-se no lugar do próximo: «Façam-se vendedoras ao comprar e compradoras ao vender». Não se perde nada em viver como pessoas «generosas, nobres, corteses, com um coração real, constante e razoável».

A razão está na base do edifício da educação. Certos pais não têm uma atitude mental justa; de fato, «há rapazes virtuosos que pais e mães não conseguem quase suportar porque têm algum defeito corporal; e há outros rapazes, ao contrário, mal-acostumados e continuamente mimados porque têm algum tipo de beleza física». Há educadores e responsáveis que se deixam levar a preferências. «Mantendam a balança bem direita entre as vossas filhas», recomendava a uma superiora das irmãs visitandinas, para que «os dons naturais não vos façam distribuir injustamente os afetos e os favores». E acrescentava: «A beleza, a boa graça e a palavra amável conferem frequentemente uma grande força de atração às pessoas que vivem segundo as suas inclinações naturais; a caridade tem como objeto a verdadeira virtude e a beleza do coração, e se estende a todos sem particularismos».

Mas é sobretudo a juventude aquela que corre os riscos maiores, porque se «o amor-próprio nos afasta geralmente da razão», isso acontece talvez ainda mais nos jovens tentados pela vaidade e pela ambição. A razão de um jovem corre o risco de perder-se sobretudo quando se deixa «levar por paixões». Atenção, portanto, escreve o bispo a um jovem, «a não permitir que os vossos afetos sejam mais fortes que o juízo e a razão na escolha dos sujeitos a amar; pois, uma vez que se pôs em

marcha, o afeto arrasta o juízo, como se arrastaria um escravo, a escolhas muito deploráveis, das quais poderia arrepender-se muito em breve». Explicava também às visitandinas que «os nossos pensamentos estão geralmente cheios de razões, opiniões e considerações sugeridas pelo amor-próprio, que causa grandes conflitos na alma».

A razão, fonte das quatro virtudes cardeais

A razão assemelha-se ao rio do paraíso «que Deus faz correr para irrigar todo o ser humano em todas as suas faculdades e atividades»; ele se divide em quatro braços correspondentes às quatro virtudes que a tradição filosófica chama virtudes cardeais: a prudência, a justiça, a fortaleza e a temperança.

A prudência «inclina o nosso intelecto a discernir verdadeiramente o mal a evitar e o bem a cumprir». Ela consiste em «discernir quais são os meios mais apropriados para alcançar o bem e a virtude». Atenção às paixões que correm o risco de deformar o nosso juízo e de provocar a ruína da prudência! A prudência não se opõe à simplicidade: seremos, conjuntamente, «prudentes como serpentes para não sermos enganados; simples como pombas para não enganar ninguém».

A justiça consiste em «render a Deus, ao próximo e a si mesmos o que se deve». Francisco de Sales começa com a justiça para com Deus, conectada com a virtude da religião, «mediante a qual rendemos a Deus o respeito, a honra, a homenagem e a submissão a ele devidos como nosso soberano Senhor e primeiro princípio». A justiça para com os pais comporta o dever da piedade, a qual «se estende a todos os ofícios que se podem legitimamente render a eles, seja em honra, seja em serviço».

A virtude da fortaleza ajuda a «superar as dificuldades que se encontram ao cumprir o bem e ao repelir o mal». É bem necessária, porque o apetite sensitivo é «verdadeiramente um sujeito rebelde, sedicioso, turbulento». Quando a razão domina as paixões, a ira dá lugar à doçura, grande aliada da razão. A fortaleza é acompanhada frequentemente pela magnanimidade, «uma virtude que nos impele e inclina a cumprir ações de grande importância».

Enfim, a temperança é indispensável «para reprimir as inclinações desordenadas da sensualidade», para «governar o apetite da avidez» e «frear as paixões conectadas». Com efeito, se a alma se apaixona demais por um prazer e por uma alegria sensível, degrada-se, tornando-se incapaz de alegrias mais elevadas.

Em conclusão, as quatro virtudes cardeais são como as manifestações desta luz natural que nos fornece a razão. Praticando estas virtudes, a razão exerce «a sua superioridade e a sua autoridade no regular os apetites sensuais».

Educar nossas emoções com São Francisco de Sales

A psicologia moderna demonstrou a importância e a influência das emoções na vida da psique humana e se sabe que as emoções são particularmente fortes durante a juventude. Mas quase não se fala das «paixões da alma», que a antropologia clássica analisou cuidadosamente, como testemunha a obra de Francisco de Sales, particularmente quando escreve que «a alma, enquanto tal, é a fonte das paixões». Em seu vocabulário, o termo «emoção» não aparece ainda com as conotações que lhe atribuímos hoje. Dirá, em vez disso, que as nossas «paixões» em certas circunstâncias são «moções». No âmbito educativo, a questão que se coloca diz respeito à atitude que convém ter diante dessas manifestações involuntárias da nossa sensibilidade, que têm sempre um componente fisiológico.

«Eu sou um pobre homem e nada mais»

Todos aqueles que conheceram Francisco de Sales notaram sua grande sensibilidade e emotividade. O sangue lhe subia à cabeça e o rosto ficava todo vermelho. Conhecemos seus

acessos de ira contra os «hereges» e a cortesia de Pádua. Como toda pessoa nascida na Saboia, era «habitualmente calmo e doce, mas capaz de terríveis acessos de ira; era um vulcão sob a neve». Sua sensibilidade era muito viva. Por ocasião da morte de Jeanne, sua irmã mais nova, escrevia a Joana Francisca Frémiot de Chantal, também consternada:

Ai de mim, minha filha: eu sou um pobre homem e nada mais. Meu coração se enterneceu muito mais do que jamais imaginei; mas a verdade é que muito contribuiu o desgosto vosso e de minha mãe: tive medo pelo vosso coração e pelo de minha mãe.

Na morte da mãe, não escondeu que aquela separação lhe havia feito derramar lágrimas; teve a dura coragem de lhe fechar os olhos e a boca e de lhe dar um último beijo, mas depois disso, confidenciava a Joana Francisca Frémiot de Chantal, «o coração se encheu de emoção e chorei por esta boa mãe mais do que jamais havia feito desde o dia em que abracei o sacerdócio». Ele, de fato, não freava as constantes manifestações exteriores de seus sentimentos, que seu humanismo aceitava tranquilamente. Um precioso testemunho de Joana Francisca Frémiot de Chantal nos informa que «o nosso santo não era isento de sentimentos e de muitas das paixões, dos quais não queria ser libertado».

Sabe-se bem que as paixões da alma têm influência sobre o corpo, provocando reações exteriores aos seus movimentos interiores: «Nós externamos e manifestamos nossas paixões e os movimentos que nossas almas têm em comum com os animais por meio dos olhos, com movimentos das sobrancelhas, da frente e de todo o rosto». Assim, não está em nosso poder não sentir medo em determinadas circunstâncias: «É como se alguém dissesse a uma pessoa que está vendo vir em sua direção um leão ou um urso: Não tenha medo». Ora, «quando se sente temor, fica-se pálido, e quando somos repreendidos por uma coisa que nos contraria, o sangue sobe ao rosto e ficamos vermelhos, e quando somos contrariados brotam lágrimas de

nossos olhos». As crianças «se veem um cão que late, imediatamente começam a gritar e não param até que estejam perto da mãe».

Quando a senhora de Chantal encontrar o assassino do marido, como reagirá seu «coração»? «Sei que, sem dúvida, vosso coração saltará e se sentirá abalado, e vosso sangue ferverá», prevê o seu diretor espiritual, acrescentando esta lição de sabedoria: «Deus nos faz tocar com a mão, nessas emoções, o quanto é verdade que somos feitos de carne, de ossos e de espírito».

As doze paixões da alma

Na antiguidade, Virgílio, Cícero e Boécio reduziam a quatro as paixões da alma, enquanto Santo Agostinho conhecia uma só paixão dominante, o amor, articulado por sua vez em quatro paixões secundárias: «O amor que tende a possuir aquilo que ama, chama-se cupidez ou *desejo*; quando o consegue e o possui, chama-se *alegria*; quando foge daquilo que lhe é contrário, chama-se *temor*; se lhe acontece de perdê-lo e se sente o peso disso, chama-se *tristeza*».

No seu livro “Filoteia”, Francisco de Sales assinala sete paixões da alma, comparando-as às cordas que o tocador de alaúde deve afinar, de vez em quando: o *amor*, o *ódio*, o *desejo*, o *temor*, a *esperança*, a *tristeza* e a *alegria*.

No seu livro “Teótimo”, vai além e enumera até doze. Surpreende que «esta multidão de paixões [...] seja deixada em nossas almas!». As primeiras cinco têm por objeto o bem, ou seja, tudo aquilo que nossa sensibilidade nos faz espontaneamente buscar e apreciar como bom para nós (pensemos nos bens fundamentais da vida, da saúde e da alegria):

*Se o bem é considerado em si mesmo, segundo sua bondade natural, gera o **amor**, primeira e principal paixão; se o bem é considerado na sua falta, provoca o **desejo**; se, desejando-o, se pensa de poder consegui-lo, tem-se a **esperança**; se se teme não poder obtê-lo, entra-se no **desespero**; e quando, de fato, o possuímos, temos a **alegria**.*

As outras sete paixões são aquelas que nos fazem espontaneamente reagir negativamente diante de tudo aquilo que entendemos como mal a evitar e a combater (pensemos na doença, no sofrimento e na morte):

*Assim que conhecemos o mal, o **odiamos**; se está ausente, **fugamos** dele; se acreditamos de não poder evitá-lo, o **temamos**; se achamos que podemos evitá-lo, nos animamos e temos **coragem**; mas se o sentimos presente, nos entristecemos, e então a **ira** e o desgosto intervêm repentinamente para repeli-lo e afastá-lo ou, ao menos, vingar-se dele; e, se isso não acontece, permanecemos na **tristeza**; mas, se conseguimos repeli-lo ou nos vingarmos, provamos satisfação e uma sensação de paz, que é o prazer do **triunfo**, porque assim como a posse do bem alegra o coração, a vitória sobre o mal satisfaz a coragem.*

Como se vê, às onze paixões da alma propostas por São Tomás de Aquino, Francisco de Sales acrescenta a vitória sobre o mal, que «satisfaz a coragem» e provoca a alegria do triunfo.

O amor, primeira e principal paixão

Como se imaginava, o *amor* é apresentado como a «primeira e principal paixão»: «O amor vem em primeiro lugar, entre as paixões da alma: é o rei de todos os movimentos do coração, transforma em si todo o resto e nos faz ser aquilo que ele ama». «O amor é a primeira paixão da alma», repete.

Ele se manifesta de mil maneiras e sua linguagem é muito diversificada; de fato, «não se expressa somente com palavras, mas também com os olhos, com os gestos e com as ações. No que diz respeito aos olhos, as lágrimas que brotam deles são provas de amor». Há também os «suspiros de amor». Mas tais manifestações de amor são diferentes. A mais habitual e superficial é a emoção ou paixão, a qual põe em movimento quase involuntariamente a sensibilidade.

E o *ódio*? Odiamos espontaneamente aquilo que para nós

parece um mal. É preciso saber que, entre as pessoas, há formas de ódio e de aversões instintivas, irracionais, inconscientes, como aquelas existentes entre o burro e o cavalo, entre a vinha e os repolhos. Não temos nenhum domínio sobre eles porque não dependem de nossa vontade.

O desejo e a fuga

O *desejo* é outra realidade fundamental de nossa psique. A vida cotidiana provoca múltiplos desejos, porque o desejo consiste na «esperança de um bem futuro». Os mais comuns desejos naturais são aqueles que «dizem respeito aos bens, aos prazeres e às honras».

Ao contrário, nós fugimos espontaneamente dos males da vida. A vontade humana de Cristo o impelia a *fugir* das dores e dos sofrimentos da paixão; daí o tremor, a angústia e o suor de sangue.

A esperança e o desespero

A *esperança* diz respeito a um bem que se pensa poder obter. Filoteia é convidada a examinar como se comportou em referência à «esperança, talvez muito frequentemente depositada no mundo e na criatura, e muito pouco em Deus e nas coisas eternas».

Quanto ao *desespero*, vejam por exemplo aquele dos «jovens aspirantes à perfeição»: «Assim encontram uma dificuldade em seu caminho, logo surge uma sensação de desapontamento que os impele a lamentar-se muito, tal a dar a impressão de serem perturbados por grandes tormentos. O orgulho e a vaidade não podem tolerar o mínimo defeito sem se sentirem logo fortemente perturbados, a ponto de chegar ao desespero».

A alegria e a tristeza

A *alegria* é «a satisfação pelo bem obtido». Assim, «quando encontramos aqueles que amamos, não é possível não se comover pela alegria e pela satisfação». A posse de um bem produz infalivelmente uma complacência ou alegria, assim como a lei da gravidade move a pedra: «É o peso que sacode as

coisas, as move e as detém: é o peso que move a pedra e a arrasta na descida, assim que são removidos os obstáculos; é o mesmo peso que a faz continuar o movimento para baixo; enfim, é sempre o mesmo peso que a faz parar e se assentar quando chega ao seu lugar».

A alegria leva, por vezes, ao riso. «O riso é uma paixão que irrompe sem que o queiramos e não está em nosso poder retê-lo, tanto damos risadas e somos levados a rir por circunstâncias imprevistas». Nosso Senhor riu? O bispo de Genebra pensa que Jesus sorria quando queria: «Nosso Senhor não podia rir, porque para ele nada era imprevisto, dado que conhecia tudo antes que acontecesse; podia, certamente, sorrir, mas o fazia voluntariamente».

As jovens visitandinas, tomadas às vezes por um irrefreável riso quando uma companheira batia no peito ou uma leitora cometia um erro durante a leitura à mesa, precisavam de uma pequena lição sobre este ponto: «Os loucos riem de qualquer situação, porque tudo os surpreende, não conseguindo prever nada; mas os sábios não riem com tanta leviandade, porque usam muito mais a reflexão, que faz com que prevejam as coisas que devem acontecer». Dito isso, não é um defeito rir de alguma imperfeição, «desde que não seja algo exagerado».

A *tristeza* é «a dor por um mal presente». Ela «perturba a alma, provoca temores desmedidos, faz experimentar desgosto pela oração, enfraquece e adormece o cérebro, priva a alma de sabedoria, de resolução, de juízo e coragem, e aniquila as forças»; é «como um duro inverno que arruína toda a beleza da terra e torna indolentes todos os animais; porque tira toda a suavidade da alma e a torna preguiçosa e impotente em todas as suas faculdades».

Algumas vezes podem cair no choro: um pai, ao enviar o filho à côrte ou aos estudos, não consegue se conter «de chorar ao se despedir dele»; e «uma filha, embora tenha se casado com a permissão do pai e da mãe, os comove até as lágrimas ao momento de receber a bênção nupcial». Alexandre Magno chorou quando veio a saber que havia outras terras que nunca poderia conquistar: «Como uma criança que chora por uma

maçã que lhe é negada, aquele Alexandre, que os historiadores chamam o Grande, mais infantil do que uma criança, começa a chorar copiosamente, porque lhe parece impossível conquistar os outros mundos».

A coragem e o medo

O *temor* se refere a um «mal futuro». Alguns, querendo ser corajosos, andam por aí durante a noite, mas «assim que ouvem uma pedra cair ou o barulho de um rato fugindo, começam a gritar: Meu Deus! – O que houve? O que aconteceu? – Ouvi um barulho. – Mas o que era? – Não sei». É necessário ser cauteloso, porque «o medo é um mal maior do que o próprio mal».

Quanto à *coragem*, antes de ser uma virtude, é um sentimento que nos sustenta diante de dificuldades que normalmente deveriam nos abater. Francisco de Sales a experimentou ao empreender uma longa e arriscada visita à sua montanhosa diocese:

Estou prestes a montar a cavalo para a visita pastoral, que durará cerca de cinco meses. [...] Parto cheio de coragem e, desde esta manhã, senti uma grande alegria de poder começar, embora que antes, por vários dias, tivesse sentido vãos temores e tristezas.

A cólera e o sentimento do triunfo

Quanto à *ira* ou *cólera*, não podemos impedir de sermos tomados por ela em certas circunstâncias: «Se me dizem que alguém falou mal de mim ou que me causem alguma outra contrariedade, imediatamente explode a cólera e não me resta nem uma veia que não se contorça, porque o sangue ferve». Mesmo nos mosteiros da Visitação, as ocasiões de irritar-se e zangar-se não faltavam, e os ataques do «apetite irascível» se faziam sentir prepotentes. Nada de estranho nisso: «Impedir que o ressentimento da cólera se desperte em nós e que o sangue nos suba à cabeça, nunca será possível; seremos afortunados se pudermos ter essa perfeição um pouco antes de morrer». Pode também acontecer «que a ira perturbe e vire de

cabeça para baixo o meu pobre coração, que faça sair fumaça pela minha cabeça e que faça o sangue ferver como uma panela no fogo».

O aplacamento da ira, após ter superado o mal, causa a euforia do triunfo. Aquele que triunfa «não pode conter o transbordamento de sua alegria».

Em busca do equilíbrio

As paixões e os movimentos da alma são, na maioria das vezes, independentes da nossa vontade: «Não se pretende que vocês que não tenham paixões; não depende de vocês», dizia às filhas da Visitação, acrescentando: «O que pode fazer uma pessoa para ter este ou aquele temperamento, ser sujeita a esta ou aquela paixão? Tudo está, portanto, nas ações que fazemos derivar por meio daquele movimento, que depende da nossa vontade».

Uma coisa é certa, os movimentos da alma e as paixões fazem do ser humano um ser extremamente sujeito a variações da «temperatura» psicológica, como se fossem variações climáticas. «A sua vida corre sobre esta terra como as águas, flutuando e ondulando em uma perpétua variedade de movimentos». «Hoje se estará feliz ao extremo e, logo depois, exageradamente tristes. Em tempo de carnaval serão vistas demonstrações de alegria e de entusiasmo, com ações tolas e meio loucas, mas depois, logo depois, serão vistos sinais de tristeza e de tédio tão exagerados a ponto de fazer pensar que se trata de coisas terríveis e, aparentemente, irremediáveis. Um outro, no presente, será demasiadamente confiante e nada o assustará, e, logo depois, será tomado por uma angústia que o levará para debaixo da terra».

O diretor espiritual de Joana de Chantal identificou bem as diversas «estações da alma» atravessadas por esta nos inícios de sua fervorosa vida:

Vejo que se encontram em sua alma todas as estações do ano. Ora sentes o inverno através das muitas esterilidades, distrações, cansaços e aborrecimentos; ora os orvalhos do mês

de maio, com o perfume das santas florezinhas, e ora o calor dos desejos de agradar ao nosso bom Deus. Não resta senão o outono do qual, como dizes, não vêes muitos frutos. Frequentemente acontece que, debulhando o grão ou esmagando a uva, se encontra um fruto mais abundante do que prometiam as colheitas e a vindima. Você gostaria que fosse sempre primavera ou verão; mas não, minha Filha: é preciso que aconteça a alternância das estações no nosso interior assim como no nosso exterior. Somente no céu tudo será primavera quanto à beleza, tudo será outono, quanto ao gozo, e tudo será verão quanto ao amor. No céu não haverá mais inverno, mas aqui ele é necessário para o exercício da abnegação e de mil pequenas e belas virtudes, que se exercitam no tempo da escassez.

A saúde da alma como a do corpo não pode consistir em eliminar estes quatro humores, mas em alcançar uma «invariabilidade de humor». Quando uma paixão predomina sobre as outras, causa as doenças da alma; e como é extremamente difícil controlá-la, acontece que as pessoas são bizarras e variáveis, e por isso não se vê outra coisa entre elas senão fantasias, inconstâncias e estupidez.

As paixões têm de bom o fato de nos consentir «exercitar a vontade na aquisição da virtude e na vigilância espiritual». Apesar de certas manifestações, nas quais se deve «sufocar e reprimir as paixões», para Francisco de Sales não se trata de eliminá-las, coisa impossível, mas de controlá-las o máximo que se consegue, ou seja, moderá-las e orientá-las a um fim que seja bom.

Não se trata, portanto, de fingir ignorar as nossas manifestações psíquicas, como se não existissem (o que, mais uma vez, é impossível), mas de «vigiar continuamente sobre o próprio coração e sobre o próprio espírito para manter as paixões na norma e sob o controle da razão; caso contrário, sempre se terá coisas novas e comportamentos desiguais». Filoteia só será feliz quando tiver «apaziguado e pacificado tantas paixões que [lhe] provocavam inquietude».

Ter um espírito constante é um dos melhores ornamentos da vida cristã e um dos mais amáveis meios para adquirir e conservar a graça de Deus, e também para edificar o próximo. «A perfeição, portanto, não consiste na ausência das paixões, mas sim na sua correta regulação; as paixões estão para o coração como as cordas para uma harpa: é preciso que estejam afinadas para que possamos dizer: Te louvaremos com a harpa».

Quando as paixões nos fazem perder o equilíbrio interior e exterior, dois métodos são possíveis: «opor paixões contrárias, ou então, opor paixões maiores, mas do mesmo tipo». Se sou perturbado pelo «desejo das riquezas ou do prazer voluptuoso», combaterei tal paixão com o desprezo e a fuga, ou então aspirarei a riquezas e prazeres superiores. Posso lutar contra o medo físico com o seu contrário, que é a coragem, ou então desenvolvendo um temor salutar referente à alma.

O amor de Deus, por sua vez, imprime às paixões uma verdadeira e própria conversão, mudando-lhes a orientação natural e apresentando-lhes um fim espiritual. Por exemplo, «o apetite pelos alimentos pode se tornar muito espiritual se, antes de satisfazê-lo, lhe é dado o motivo do amor: e não, Senhor, não é para contentar este pobre ventre e nem para satisfazer este apetite que vou à mesa, mas, segundo a tua Providência, é para manter este corpo que tu fizeste sujeito a tal miséria; sim, Senhor, porque assim agradou a ti».

A transformação assim operada se assemelhará a um «artifício» utilizado na alquimia que muda o ferro em ouro. «Ó santa e sacra alquimia!», – escreve o bispo de Genebra – «ó pó divino da fusão, com a qual todos os metais das nossas paixões, afetos e ações se transformam no ouro puríssimo da celeste dileção!».

Mudanças de humor, paixões e imaginações estão profundamente radicados na alma humana: representam um recurso excepcional para a vida da alma. Será tarefa das faculdades superiores, a razão e, sobretudo, a vontade, moderá-las e governá-las. Mesmo sendo difícil, Francisco de Sales a cumpriu

com sucesso, porque, segundo quanto afirma a Madre de Chantal, «possuía um tal domínio absoluto sobre suas paixões a ponto de torná-las obedientes como se fossem suas escravas; e no fim quase não se faziam mais perceber».

Educar o corpo e seus 5 sentidos com São Francisco de Sales

Um bom número de antigos ascetas cristãos frequentemente considerou o corpo como um inimigo, cuja corrupção deveria ser combatida, na verdade, como um objeto de desprezo e a ser ignorado. Numerosos homens espirituais da Idade Média não se preocupavam com o corpo, exceto para infligir-lhe penitências. Na maioria das escolas da época, nada era previsto para fazer descansar o “irmão jumento”.

Para Calvino, a natureza humana totalmente corrompida pelo pecado original não poderia ser outra coisa senão um “lixão”. No lado oposto, numerosos escritores e artistas renascentistas exaltavam o corpo a ponto de prestar-lhe um culto, no qual a sensualidade tinha grande relevância. Rabelais, por sua vez, magnificava o corpo de seus gigantes e se deleitava em expor suas funções orgânicas, mesmo as menos nobres.

O realismo salesiano

Entre a divinização do corpo e seu desprezo, Francisco de Sales oferece uma visão realista da natureza humana. Ao final da primeira meditação sobre o tema da criação do homem, “o primeiro ser do mundo visível”, o autor da *Introdução à vida devota* coloca nos lábios de Filoteia este

propósito que parece resumir seu pensamento: “Quero sentir-me honrada pelo ser que ele me deu”. Certamente, o corpo está destinado à morte. Com brutal realismo, o autor descreve a despedida da alma ao corpo, que abandonará “pálido, lívido, desfeito, horrendo e fedorento”, mas isso não constitui uma razão para negligenciá-lo e denegri-lo injustamente enquanto está vivo. São Bernardo estava equivocado ao anunciar àqueles que queriam segui-lo “que deveriam abandonar seu corpo e ir até ele apenas em espírito”. Os males físicos não devem levar a odiar o corpo: o mal moral é muito pior.

Não encontramos de forma alguma em Francisco de Sales o esquecimento ou a sombra dos fenômenos corporais, como quando fala de diferentes formas de doenças ou quando evoca as manifestações do amor humano. Em um capítulo do *Tratado do amor de Deus* intitulado: “O amor tende à união”, ele escreve, por exemplo, que “uma boca se aplica sobre a outra quando nos beijamos, para testemunhar que se gostaria de derramar uma alma na outra, para uni-las com uma união perfeita”. Essa atitude de Francisco de Sales em relação ao corpo já suscitou, em seu tempo, reações escandalizadas. Quando apareceu a Filoteia, um religioso avinhonense criticou publicamente este “livreto”, despedaçou-o acusando seu autor de “doutor corrompido e corruptor”. Inimigo da pudicícia exagerada, Francisco de Sales ainda não conhecia a reserva e os medos que emergiriam em tempos posteriores. Sobrevivem nele costumes medievais ou é simplesmente uma manifestação de seu gosto “bíblico”? De qualquer forma, nele não se encontra nada comparável às trivialidades do “infame” Rabelais.

Os dons naturais mais estimados são a beleza, a força e a saúde. Em referência à beleza, Francisco de Sales assim se expressava ao falar de santa Brígida: “Nasceu na Escócia; era uma moça muito bonita, dado que os escoceses são belos por natureza, e naquele País encontram-se as mais belas criaturas existentes”. Pensemos, por outro lado, no repertório de imagens referentes às perfeições físicas do noivo e da noiva, tiradas do Cântico dos Cânticos. Embora as representações sejam sublimadas e transferidas para um

registro espiritual, permanecem, no entanto, significativas de uma atmosfera onde se exalta a beleza natural do homem e da mulher. Tentaram fazê-lo suprimir o capítulo do Teótimo sobre o beijo, no qual demonstra que “o amor tende à união”, mas ele sempre se recusou a fazê-lo. De qualquer forma, a beleza exterior não é a mais importante: a beleza da filha de Sião é interior.

Estreita ligação entre o corpo e a alma

Antes de tudo, Francisco de Sales afirma que o corpo é “uma parte da nossa pessoa”. A alma personificada pode até dizer com um tom de ternura: “Esta carne é minha querida metade, é minha irmã, é minha companheira, nascida comigo, alimentada comigo”.

O bispo foi muito atento à ligação existente entre o corpo e a alma, entre a saúde do corpo e a da alma. Assim, escreve sobre uma pessoa sob sua direção, doente, que a saúde de seu corpo “depende muito da saúde da alma, e a da alma depende das consolações espirituais”. “Não é o seu coração que se debilitou – escrevia a uma doente –, mas sim o seu corpo, e, dados os laços estreitíssimos que os unem, seu coração tem a impressão de sentir o mal de seu corpo”. Cada um pode constatar que as enfermidades corporais “acabam por criar desconforto também ao espírito, devido aos estreitos vínculos entre um e outro”. Inversamente, o espírito age sobre o corpo até o ponto em que “o corpo percebe os afetos que se agitam no coração”, como aconteceu em Jesus, que se sentou ao poço de Jacó, cansado de seu pesado compromisso ao serviço do reino de Deus.

No entanto, como “o corpo e o espírito frequentemente seguem direções contrárias, e, à medida que um se enfraquece, o outro se fortalece”, e como “o espírito deve reinar”, “devemos sustentá-lo e consolidá-lo de tal forma que permaneça sempre o mais forte”. Se então o cuidado do corpo é “para que esteja a serviço do espírito”.

Entretanto, somos justos em relação ao corpo. Em caso de mal-estar ou de erros, muitas vezes acontece que a

alma acusa o corpo e o maltrata, como fez Balaão com sua jumenta: “Ó pobre alma! se sua carne pudesse falar, diria a você, como a jumenta de Balaão: por que me espancas, miserável? É contra você, minha alma, que Deus arma sua vingança, você é a criminosa”. Quando uma pessoa reforma seu íntimo, a conversão se manifestará também externamente: em todas as atitudes, na boca, nas mãos e “até mesmo nos cabelos”. A prática da virtude torna o homem bonito interiormente e também exteriormente. Inversamente, uma mudança exterior, um comportamento do corpo pode favorecer uma mudança interior. Um ato de devoção exterior durante a meditação pode despertar a devoção interior. O que aqui é dito sobre a vida espiritual pode ser facilmente aplicado à educação em geral.

Amor e domínio do corpo

Falando da atitude a ter em relação ao corpo e às realidades corporais, não surpreende ver Francisco de Sales recomendar a Filoteia, como primeira coisa, a gratidão pelas graças corporais que Deus lhe deu.

Devemos amar nosso corpo por diferentes motivos: porque é necessário para realizar as boas obras, porque é uma parte da nossa pessoa, e porque está destinado a participar da felicidade eterna. O cristão deve amar seu próprio corpo como uma imagem viva daquele do Salvador encarnado, como dele proveniente por parentesco e consanguinidade. Sobretudo depois que renovamos a aliança, recebendo realmente o corpo do Redentor no adorável sacramento da eucaristia, e, com o batismo, a confirmação e os outros sacramentos, nos dedicamos e consagramos à suma bondade.

O amor pelo próprio corpo faz parte do amor devido a si mesmo. Na verdade, a razão mais convincente para honrar e usar sabiamente o corpo está em uma visão de fé, que o bispo de Genebra assim explicava à madre de Chantal, que saía de uma doença: “Tenha ainda cuidado deste corpo, porque é de Deus,

minha caríssima Madre”. A Virgem Maria é apresentada a este ponto como modelo: “Com que devoção deveria amar seu corpo virginal! Não apenas porque era um corpo doce, humilde, puro, obediente ao santo amor e totalmente impregnado de mil sagrados perfumes, mas também porque era a viva fonte daquele do Salvador e lhe pertencia muito estreitamente, com um laço que não tem comparação”.

O amor pelo corpo é, sim, recomendado, mas o corpo deve permanecer subordinado ao espírito, como o servo ao seu mestre. Para controlar o apetite, devo “comandar as mãos a não fornecer à boca alimentos e bebidas, se não na medida certa”. Para governar a sexualidade “é preciso retirar ou dar à faculdade da reprodução os sujeitos, os objetos e os alimentos que a excitam, segundo os ditames da razão”. Ao jovem que se prepara para “navegar no vasto mar”, o bispo recomenda: “Desejo também um coração vigoroso que o impeça de mimar seu corpo com excessivas requintarias na comida, no sono ou em outras coisas. Sabe-se, de fato, que um coração generoso sente sempre um pouco de desprezo pelas delicadezas e delícias corporais”.

Para que o corpo permaneça subordinado à lei do espírito, convém evitar os excessos: nem maltratá-lo nem mimá-lo. Em tudo é necessário medida. O motivo da caridade deve ter o primado em todas as coisas; isso o faz escrever: “Se o trabalho que você faz é necessário ou é muito útil para a glória de Deus, preferiria que suportasse as penas do trabalho em vez das do jejum”. Daí a conclusão: “Em geral, é melhor ter no corpo mais forças do que o necessário, do que arruiná-las além do necessário; porque arruiná-las se pode sempre, assim que se quer, mas para recuperá-las nem sempre basta querer”.

O que é necessário evitar é essa “ternura que se sente para consigo mesmo”. Ele critica, com fina ironia, mas de forma impiedosa, uma imperfeição que não é apenas “própria das crianças, e, se posso ousar dizer, das mulheres”, mas também de homens pouco corajosos, dos quais nos dá este interessante quadro característico: “Outros são aqueles que são ternos consigo mesmos, e que não fazem outra coisa senão

se lamentar, se mimar, se acariciar e se olhar”.

De qualquer forma, o bispo de Genebra cuidava de seu corpo como era seu dever, obedecia ao seu médico e às “enfermeiras”. Ele também se preocupava com a saúde alheia, aconselhando medidas apropriadas. Escreverá, por exemplo, à mãe de um jovem aluno do colégio de Annecy: “É necessário fazer Carlos ser examinado pelos médicos, para que seu inchaço na barriga não se agrave”.

A serviço da saúde está a higiene. Francisco de Sales desejava que tanto o coração quanto o corpo estivessem limpos. Recomendava o decoro, muito diferente de afirmações como esta de Santo Hilário, segundo a qual “não se deveria buscar a limpeza em nossos corpos que não são nada além de carcaças pestilenciais e carregadas apenas de infecção”. Ele estava mais de acordo com Santo Agostinho e os antigos que tomavam banho “para manter limpos seus corpos tanto da sujeira produzida pelo calor e pelo suor, quanto para a saúde, que é certamente sobremaneira ajudada pela limpeza”.

Para poder trabalhar e cumprir os deveres de sua função, cada um deve cuidar de seu corpo no que diz respeito à alimentação e ao descanso: “Comer pouco, trabalhar muito e com muita agitação e negar ao corpo o descanso necessário, é como exigir muito de um cavalo que está exausto sem dar-lhe tempo para mastigar um pouco de aveia”. O corpo precisa descansar, é algo totalmente evidente. As longas vigílias noturnas são “prejudiciais à cabeça e ao estômago”, enquanto, por outro lado, levantar-se cedo pela manhã é “útil tanto para a saúde quanto para a santidade”.

Educar nossos sentidos, especialmente os olhos e os ouvidos

Nossos sentidos são dons maravilhosos do Criador. Eles nos colocam em contato com o mundo e nos abrem a todas as realidades sensíveis, à natureza, ao cosmos. Os sentidos são a porta do espírito, que lhes fornece, por assim dizer, a matéria-prima; de fato, como diz a tradição escolástica, “nada está no intelecto que não tenha passado antes pelos sentidos”.

Quando Francisco de Sales fala dos sentidos, seu

interesse se volta especialmente para o plano educativo e moral, e seu ensinamento a esse respeito se relaciona ao que expôs sobre o corpo em geral: admiração e vigilância. Por um lado, ele diz que Deus nos dá “os olhos para ver as maravilhas de suas obras, a língua para louvá-lo, e assim por diante para todas as outras faculdades”, sem nunca omitir, por outro lado, a recomendação de “colocar sentinelas nos olhos, na boca, nos ouvidos, nas mãos e no olfato”.

É necessário começar pela visão, porque “entre todas as partes externas do corpo humano, não há uma, por sua estrutura e atividade, mais nobre do que o olho”. O olho é feito para a luz: isso é demonstrado pelo fato de que quanto mais as coisas são belas, agradáveis à vista e devidamente iluminadas, mais o olho as observa com avidez e vivacidade. “Pelos olhos e pelas palavras se conhece qual é a alma e o espírito do homem, pois os olhos servem à alma como o mostrador ao relógio”. É sabido que entre os amantes, os olhos falam mais do que a língua.

É preciso vigiar os olhos, pois através deles podem entrar a tentação e o pecado, como aconteceu com Eva, que ficou encantada ao ver a beleza do fruto proibido, ou com Davi, que fixou seu olhar na esposa de Urias. Em certos casos, é preciso proceder como se faz com a ave de rapina: para fazê-la voltar, é necessário mostrar-lhe o “lógoro” [*equipamento de caça que simula as asas de uma pássaro; é agitado para chamar o falcão*]; para acalmá-la, é preciso cobri-la com um capuz; da mesma forma, para evitar olhares maldosos, “é preciso desviar os olhos, cobri-los com o capuz natural e fechá-los”.

Embora as imagens visuais sejam amplamente dominantes nas obras de Francisco de Sales, é preciso reconhecer que as imagens auditivas são bastante dignas de nota. Isso evidencia a importância que ele atribuía à audição por razões tanto estéticas quanto morais. “Uma melodia sublime ouvida com muita atenção” produz um efeito tão mágico que “encanta os ouvidos”. Mas atenção para não ultrapassar as capacidades auditivas: uma música, por mais bela que seja, se for alta e muito próxima, nos incomoda e ofende o ouvido.

Por outro lado, é preciso saber que “o coração e os ouvidos conversam entre si”, pois é através do ouvido que o coração “ouve os pensamentos dos outros”. É ainda através do ouvido que entram no mais profundo da alma palavras suspeitas, injuriosas, mentirosas ou malévolas, das quais é necessário cuidar bem; pois as almas se envenenam através do ouvido, como o corpo através da boca. A mulher honesta tapará os ouvidos para não ouvir a voz do encantador que quer conquistá-la de forma sutil. Permanecendo no âmbito simbólico, Francisco de Sales declara que o ouvido direito é o órgão através do qual ouvimos as mensagens espirituais, as boas inspirações e moções, enquanto o esquerdo serve para ouvir discursos mundanos e vãos. Para guardar o coração, portanto, protejamos com grande cuidado os ouvidos.

O melhor serviço que podemos pedir aos ouvidos é o de poder ouvir a palavra de Deus, objeto da pregação, que exige ouvintes atentos e dispostos a fazê-la penetrar em seus corações para que produza frutos. Filoteia é convidada a “fazê-la gotejar” ora no ouvido de um, ora no de outro, e a orar a Deus no íntimo de sua alma, para que lhe agrade fazer penetrar esse santo orvalho no coração de quem a escuta.

Os outros sentidos

Também em relação ao olfato, foi notada a abundância de imagens olfativas. Os perfumes são tão diversos quanto as substâncias odoríferas, como o leite, o vinho, o bálsamo, o óleo, a mirra, o incenso, a madeira aromática, o nardo, o unguento, a rosa, a cebola, o lírio, a violeta, o amor-perfeito, a mandrágora, a canela... É ainda mais surpreendente constatar os resultados produzidos com a fabricação da água perfumada:

O manjeriço, o alecrim, o orégano, o hissopo, os cravos-da-índia, a canela, a noz-moscada, os limões e o almíscar, misturados e triturados, realmente produzem um perfume muito agradável pela mistura de seus odores; mas não é nem de longe comparável ao da água que é destilada, na qual os aromas de

todos esses ingredientes, isolados de seus corpos, se fundem mais perfeitamente, dando origem a um perfume requintado que penetra muito mais o olfato do que ocorreria se, junto com a água, estivessem as partes materiais.

Numerosas são as imagens olfativas extraídas do Cântico dos Cânticos, poema oriental onde os perfumes ocupam um lugar relevante e onde um dos versículos bíblicos mais comentados por Francisco de Sales é o grito angustiado da esposa: “Atraí-me a ti, caminharemos e correremos juntos na trilha de teus perfumes”. E quão refinada é esta anotação: “O suave perfume da rosa é tornado mais sutil pela proximidade do alho plantado perto dos roseirais!”.

Não confundamos, porém, o sagrado bálsamo com os perfumes deste mundo. Existe, de fato, um olfato espiritual, que devemos cultivar em nosso interesse. Ele nos permite perceber a presença espiritual do sujeito amado e, além disso, nos faz não nos deixarmos distrair pelos maus odores do próximo. O modelo é o pai que acolhe de braços abertos o filho pródigo que retorna a ele “seminu, sujo, imundo e fedendo a imundícies pela longa convivência com os porcos”. Outra imagem realista aparece em referência a certas críticas mundanas: não nos surpreendamos, recomenda Francisco de Sales a Joana de Chantal, é necessário “que o pouco unguento de que dispomos pareça fedorento às narinas do mundo”.

A respeito do gosto, certas observações do bispo de Genebra poderiam nos fazer pensar que ele era um guloso nato, na verdade um educador do gosto: “Quem não sabe que a doçura do mel se une cada vez mais ao nosso sentido do gosto com um progresso contínuo de sabor, quando, mantendo-o por muito tempo na boca, em vez de engoli-lo imediatamente, seu sabor penetra mais profundamente no nosso sentido do gosto?”. Admitida a doçura do mel, é preciso, no entanto, valorizar mais o sal, pelo fato de ser de uso mais comum. Em nome da sobriedade e da temperança, Francisco de Sales recomendava saber renunciar ao gosto pessoal, comendo o que nos “é colocado à frente”.

Por fim, tratando-se do tato, Francisco de Sales fala dele principalmente em um sentido espiritual e místico. Assim, recomenda tocar Nosso Senhor crucificado: a cabeça, as santas mãos, o precioso corpo, o coração. Ao jovem que está prestes a se lançar no vasto mar do mundo, ele exige que se governe energicamente e despreze as molezas, as delícias corporais e as delicadezas: “Gostaria que às vezes você tratasse seu corpo com dureza para fazê-lo experimentar alguma aspereza e dureza, desprezando delicadezas e coisas agradáveis aos sentidos; pois é necessário que às vezes a razão exerça sua superioridade e a autoridade que tem de regular os apetites sensuais”.

O corpo e a vida espiritual

Também o corpo é chamado a participar da vida espiritual que se expressa em primeiro lugar na oração: “É verdade, a essência da oração está na alma, mas a voz, os gestos e os outros sinais exteriores, por meio dos quais se revela o íntimo dos corações, são nobres apêndices e propriedades utilíssimas da oração; são efeitos e operações. A alma não se contenta em orar se o homem em sua totalidade não ora; ela ora junto com os olhos, as mãos, os joelhos”.

Ele acrescenta que “a alma prostrada diante de Deus faz dobrar facilmente sobre si todo o corpo; levanta os olhos onde eleva o coração, ergue as mãos lá, de onde espera um auxílio”. Francisco de Sales explica também que “orar em espírito e em verdade é orar de bom grado e afetuosamente, sem fingimento nem hipocrisia, e comprometendo, além disso, o homem inteiro, alma e corpo, para que o que Deus uniu não seja separado”. “É preciso que todo o homem ore”, repete às visitandinas. Mas a melhor oração é a de Filoteia, quando decide consagrar a Deus não apenas a alma, seu espírito e seu coração, mas também seu “corpo com todos os seus sentidos”; é assim que ela o amará e servirá verdadeiramente com todo o seu ser.

A educação de acordo com São Francisco de Sales

A educação segundo São Francisco de Sales é um caminho de amor e cuidado com os jovens, baseado em regras indispensáveis: gentileza, compreensão e correção equilibrada. Da família à sociedade, São Francisco pede que os responsáveis demonstrem afeto sincero, conscientes de que os jovens precisam ser guiados com paciência e inspiração. A educação é um dom que ajuda a formar almas livres, capazes de pensar e agir em harmonia. Como um mestre da montanha, o bispo da Saboia nos lembra que corrigir significa acompanhar, salvaguardando a espontaneidade dos corações em crescimento e sempre visando à transformação interior. Assim nasce uma educação integral.

Um dever a ser cumprido com amor

A educação é um fenômeno universal, baseado nas leis da natureza e da razão. É o melhor presente que os pais podem dar a seus filhos, nos quais ela nutrirá a gratidão e a piedade filial. Falando daqueles que são responsáveis pelos outros, tanto na família quanto na sociedade, Francisco de Sales recomenda que eles demonstrem amor: “Cumpram, portanto, seu dever com amor”.

Os jovens precisam de orientação. Se é verdade que “aquele que governa a si mesmo é governado por um grande tolo”, isso deve ser ainda mais verdadeiro para aqueles que ainda são inexperientes. Da mesma forma, Celso Benigno, o filho mais velho da Senhora de Chantal, que era uma fonte de preocupação para sua mãe, precisava de orientação para ajudá-lo a “provar a bondade da verdadeira sabedoria por meio de admoestações e recomendações”.

Para um jovem que estava prestes a “sair para o mundo”, ele sugeriu encontrar “algum espírito cortês” que ele

pudesse visitar de tempos em tempos para “se recrear e recuperar o fôlego espiritual”. Devemos fazer como o jovem Tobias na Bíblia: enviado por seu pai a uma terra distante onde não conhecia o caminho, ele recebeu o seguinte conselho: “Vá, pois, e procure um homem para guiá-lo”.

Especialista em montanhas, o bispo da Saboia gostava de lembrar às pessoas que aqueles que caminham em trilhas ásperas e escorregadias precisam ser amarrados, presos uns aos outros para avançar com mais segurança. Sempre que podia, ele oferecia ajuda e conselhos aos jovens em perigo. Para um jovem estudante envolvido em jogos de azar e libertinagem, ele escreveu “uma carta cheia de avisos bons, gentis e amigáveis”, convidando-o a fazer melhor uso de seu tempo.

Um bom guia deve ser capaz de se adaptar às necessidades e possibilidades de cada indivíduo. Francisco de Sales admirava as mães que sabiam como dar a cada um de seus filhos o que eles precisavam e se adaptar a cada um “de acordo com o alcance de seu espírito”. É assim que Deus acompanha as pessoas. Seu ensinamento se assemelha ao de um pai atento às capacidades de cada um: “Como um bom pai que segura seu filho pela mão”, escrevia ele a Joana de Chantal, “ele adaptará seus passos aos seus e se contentará em não ir mais rápido do que você”.

Elementos da psicologia da juventude

Para ter alguma chance de sucesso, o educador deve saber algo sobre os jovens em geral e sobre cada jovem em particular. O que significa ser jovem? Comentando a famosa visão da escada de Jacó, o autor da *Introdução à vida devota* observa que os anjos que subiam e desciam a escada tinham todos os atrativos da juventude: eram cheios de vigor e agilidade; tinham asas para voar e pés para caminhar com seus companheiros; seus rostos eram belos e alegres; “suas pernas, braços e cabeças estavam todos descobertos” e “o resto de seus corpos estava coberto, mas com uma túnica bela e leve”.

Mas não idealizemos demais essa idade da vida.

Para Francisco de Sales, a juventude é por natureza imprudente e ousada; os jovens devoram todas as dificuldades de longe e fogem delas de perto. “Jovem e ardente” são dois adjetivos que muitas vezes andam de mãos dadas, especialmente quando usados para descrever uma mente “repleta de concepções e fortemente inclinada a extremos”. E entre os riscos dessa idade está “o ardor do sangue jovem que está começando a ferver e de uma coragem que ainda não tem a prudência como guia”.

Os jovens são versáteis, movem-se e mudam com facilidade. Como os cães jovens que adoram mudanças, os jovens são volúveis e inconstantes, agitados por vários “desejos de novidade e mudança”, e são suscetíveis a causar “grandes e infelizes escândalos”. É uma idade em que as paixões são ferozes e difíceis de controlar. Como as borboletas, esvoaçam em volta do fogo com o risco de queimar as asas.

Muitas vezes, falta-lhes sabedoria e experiência, porque o amor-próprio cega a razão. Devemos temer essas duas atitudes opostas nelas: a vaidade, que na verdade é uma falta de coragem, e a ambição, que é um excesso de coragem que as leva a buscar injustificadamente a glória e a honra.

Como é maravilhoso, porém, quando a juventude e a virtude se encontram! Francisco de Sales admira uma jovem que tinha tudo para gostar na primavera de sua vida e que amava e estimava “as santas virtudes”. Ele elogia todos aqueles que, durante sua juventude, mantiveram suas almas “sempre puras em meio a tantas infecções”.

Os jovens, em particular, são sensíveis ao afeto que recebem. “É impossível expressar o quanto somos amigáveis”, escreveu ele a um pai sobre seu relacionamento com o filho indisciplinado, até mesmo insuportável, na escola. Como podemos ver, Francisco de Sales estava feliz em se proclamar amigo dos jovens. Da mesma forma, ele escreveu à mãe de uma menina da qual era padrinho: “A querida afilhadinha, como penso, tem uma secreta noção de que eu a amo, tão forte é a afeição que ela me demonstra”.

Finalmente, “esta é a idade certa para receber impressões”, o que é bom porque significa que os jovens podem

ser educados e são capazes de grandes coisas. O futuro pertence aos jovens, como vimos na Abadia de Montmartre, onde foram justamente os jovens, com sua abadessa ainda mais jovem, que realizaram a “reforma”.

O senso dos propósitos na educação

Embora o realismo exija que os educadores conheçam as pessoas a quem se dirigem, eles nunca devem perder de vista o senso do propósito de sua ação. Não há nada melhor do que uma consciência clara das metas que estabelecemos para nós mesmos, porque “todo agente age para o fim e de acordo com o fim”.

O que é, então, a educação e qual é o seu propósito? A educação, diz Francisco de Sales, é “uma infinidade de solicitações, auxílios, benefícios e outros serviços necessários à criança, exercidos e continuados em relação a ela até a idade em que não mais necessite deles”. Duas coisas chamam a atenção nessa definição: por um lado, a insistência na multiplicidade de atenções que a educação exige e, por outro, seu fim, que coincide com o momento em que o sujeito alcançou a autonomia. As crianças são educadas para alcançar a liberdade e o controle total sobre suas vidas.

Em termos concretos, o ideal educativo de Francisco de Sales parece girar em torno da noção de harmonia, ou seja, a integração harmoniosa de todos os vários componentes que existem no ser humano: “ações, movimentos, sentimentos, inclinações, hábitos, paixões, faculdades e poderes”. A harmonia implica unidade, mas também distinção. A unidade requer um único mandamento, mas esse mandamento único deve não apenas respeitar as diferenças, mas também promover as distinções na busca da harmonia. Na pessoa humana, o governo pertence à vontade, à qual todos os outros componentes se referem, cada um em seu lugar e interdependente do outro.

Francisco de Sales usa duas comparações para ilustrar seu ideal. Elas não deixam de ser análogas aos dois impulsos humanos fundamentais destacados pela psicanálise: agressão e prazer. Um exército é belo, explica ele, quando é

composto de partes distintas dispostas de modo a formar um único exército. A música é bela quando as vozes estão unidas em distinção e quando são distintas, mas unidas.

Começando pelo coração

“Aquele que conquistou o coração do homem conquistou o homem inteiro”, escreve o autor da *Introdução à Vida Devota*. Essa regra geral deve se aplicar ao campo da educação. A expressão “conquistar o coração” pode ser interpretada de duas maneiras. Pode significar que o educador deve visar o coração, ou seja, o núcleo interno da pessoa, antes de se preocupar com seu comportamento externo. Por outro lado, significa conquistar uma pessoa por meio do afeto.

O homem é construído a partir de dentro: essa parece ser uma das grandes lições de Francisco de Sales, educador e reformador de pessoas e comunidades. Ele estava bem ciente de que seu método não era compartilhado por todos, pois escreveu: “Nunca pude aprovar o método daqueles que, para reformar o homem, começam pelo exterior, pelo comportamento, pelas roupas, pelos cabelos. Portanto, devemos começar por dentro, ou seja, pelo coração, a sede da vontade e a fonte de todas as nossas ações.

O segundo ponto é tentar conquistar a afeição dos outros, de modo a estabelecer um bom relacionamento educativo com eles. Numa carta a uma abadessa, aconselhando-a sobre a reforma de seu mosteiro, composto em grande parte por jovens, encontramos indicações valiosas de como o bispo da Saboia concebia seu método de educação, formação e, mais precisamente nesse caso, “reforma”. Acima de tudo, não devemos alarmá-los, dando-lhes a impressão de que queremos reformá-los. O objetivo é que eles se reformem. Após essas preliminares, três ou quatro “truques” devem ser usados. Não é de se admirar, pois a educação também é uma arte, na verdade a arte das artes. O primeiro é pedir que eles façam as coisas com frequência, mas com muita facilidade e sem dar a impressão de que estão fazendo. Em segundo lugar, é preciso falar com frequência e em termos gerais sobre o que precisa ser mudado, como se

estivesse pensando em outra pessoa. Em terceiro lugar, é preciso tentar tornar a obediência amável, sem se esquecer de mostrar novamente seus benefícios e vantagens. De acordo com Francisco de Sales, a gentileza deve ser preferida porque geralmente é mais eficaz. Por fim, os responsáveis devem mostrar que não agem por capricho, mas em virtude de sua responsabilidade e com vistas ao bem de todos.

Comandar, aconselhar, inspirar

Parece que as intervenções propostas por Francisco de Sales no campo da educação têm como modelo os três modos que Deus usa com os homens para indicar-lhes sua vontade: mandamentos, conselhos e inspirações.

É óbvio que os pais e os professores têm o direito e o dever de ordenar a seus filhos ou alunos para o bem deles, e que eles devem obedecer. Ele mesmo, em sua responsabilidade como bispo, não hesitou em fazê-lo quando necessário. Entretanto, de acordo com Camus, ele abominava espíritos absolutos que queriam ser obedecidos à vontade e que tudo tinha de ceder ao seu domínio. Ele dizia que “aqueles que amam ser temidos, temem ser amados”. Em alguns casos, a obediência pode ser forçada. Referindo-se ao filho de um de seus amigos, ele escreveu ao pai: “Se ele perseverar, ficaremos satisfeitos; se não perseverar, teremos de usar um destes dois remédios: ou retirá-lo para uma escola um pouco mais fechada do que esta, ou dar-lhe um mestre particular que seja um homem e a quem ele prestará obediência”. O uso da força pode ser totalmente descartado?

Normalmente, porém, Francisco de Sales recorria a conselhos, avisos e recomendações. O autor da *Introdução à Vida Devota* se apresenta como um conselheiro, um assistente, alguém que dá “conselhos”. Embora muitas vezes ele use o imperativo, é um conselho que ele está dando, especialmente porque muitas vezes é acompanhado de uma condicional: “Se você pode fazê-lo, faça-o”. Às vezes, a recomendação é disfarçada como uma declaração de valor: é bom fazer isso, é melhor fazer assim etc.

Mas quando ele pode e sua autoridade não está em questão, ele prefere agir por inspiração, sugestão ou insinuação. Esse é o método salesiano por excelência, que respeita a liberdade humana. Parecia-lhe particularmente adequado escolher um estado de vida. Esse é o método que ele recomendou à Senhora de Chantal para a vocação que ela queria para seus filhos, “inspirando-os gentilmente com pensamentos em sintonia com ela”.

Mas a inspiração não é comunicada apenas por palavras. Os céus não falam, diz a Bíblia, mas proclamam a glória de Deus por meio de seu testemunho silencioso. Da mesma forma, “o bom exemplo é a pregação silenciosa”, como a de São Francisco que, sem dizer uma única palavra, atraiu um grande número de jovens com seu exemplo. De fato, o exemplo leva à imitação. Pequenos rouxinóis aprendem a cantar com os grandes, lembrou ele, e “o exemplo daqueles que amamos tem uma influência e uma autoridade suave e imperceptível sobre nós”, a ponto de sermos obrigados a deixá-los ou imitá-los.

Como corrigir?

O espírito de correção consiste em “resistir ao mal e suprimir os vícios daqueles que nos foram confiados, constante e corajosamente, mas com brandura e tranquilidade”. No entanto, as falhas devem ser corrigidas sem demora, enquanto são pequenas, “porque se você esperar que elas cresçam, não poderá curá-las facilmente”.

A severidade às vezes é necessária. Os dois jovens religiosos que estavam dando escândalo precisavam ser colocados de volta no caminho certo para que um grande número de consequências lamentáveis fosse evitado. Embora sua pouca idade possa ter sido uma desculpa, “a continuação de seu comportamento agora os torna imperdoáveis”. Há até mesmo casos em que é necessário “manter os ímpios com algum temor pela resistência que eles apresentarão”. O bispo de Genebra cita uma carta de São Bernardo aos frades de Roma que precisavam de correção, na qual ele “fala com eles adequadamente e com um sabão quente o suficiente”. Façamos como o cirurgião, pois “é

uma amizade fraca ou ruim ver o amigo perecer e não o ajudar, vê-lo morrer de apostasia e não ousar dar-lhe o fio da navalha da correção para salvá-lo”.

No entanto, a correção deve ser administrada sem paixão, porque “um juiz castiga os ímpios muito melhor quando profere suas sentenças com razão e em um espírito de tranquilidade, do que quando as profere com ímpeto e paixão, especialmente porque, julgando com paixão, ele não castiga as faltas de acordo com o que elas são, mas de acordo com o que ele mesmo é”. Da mesma forma, “as admoestações gentis e cordiais de um pai têm muito mais poder para corrigir um filho do que sua raiva e ira”. É por isso que é importante se proteger contra a raiva. Na primeira vez que você sentir raiva, ele disse à Filoteia, “você deve reunir suas forças rapidamente, não de forma repentina ou impetuosa, mas com cuidado e seriedade”. Em uma carta a uma freira que havia se queixado de “uma garotinha mal-humorada e desorganizada” confiada aos seus cuidados, o bispo deu o seguinte conselho: “Se puder, não a corrija com raiva”. Não sejamos como o rei Herodes ou como aqueles homens que dizem que governam quando são temidos, quando governar é “ser amado”.

Há muitas maneiras de corrigir. Uma das melhores não é tanto retirar o que é negativo, mas incentivar tudo o que é positivo em uma pessoa. Isso é chamado de “correção por inspiração”, porque “é maravilhoso como a gentileza e a beleza de algo bom é uma maneira poderosa de atrair corações”.

Seu discípulo, João Pedro Camus, contou a história de uma mãe que amaldiçoou o filho que a havia insultado. Pensou-se que o bispo deveria fazer o mesmo, mas ele respondeu: “O que você quer que eu faça? Eu estava com medo de derramar em um quarto de hora o pequeno licor de bondade que venho tentando coletar há vinte e dois anos”. Foi novamente Camus quem relatou essa frase “inesquecível” de seu mestre: “Lembre-se de que você pega mais moscas com uma gota de mel do que com um barril de vinagre”.

A gentileza é preferível não só com os outros, mas também conosco mesmos. Todos devem estar preparados para

reconhecer seus erros com calma e se corrigir sem ficar com raiva. Eis um bom conselho para uma “pobre garota” que está com raiva de si mesma: “Diga a ela que, por mais que possa lamentar-se, nunca ficará surpresa ou com raiva de si mesma”.

Educação progressiva

São Francisco de Sales, que tinha um senso do real e do possível, bem como a contenção e o tato necessários, estava convencido de que grandes projetos só podem ser realizados com paciência e tempo. A perfeição nunca é o ponto de partida e provavelmente nunca será alcançada, mas o progresso é sempre possível. O crescimento tem suas próprias leis que devem ser respeitadas: as abelhas eram primeiro larvas, depois ninfas e, finalmente, abelhas “formadas, feitas e perfeitas”.

Fazer as coisas de maneira ordenada, uma após a outra, sem confusão, até mesmo com certa lentidão, mas sem nunca parar, esse parece ser o ideal do bispo de Genebra. Vamos seguir em frente, disse ele, e “por mais lentamente que avancemos, percorreremos um longo caminho”. Da mesma forma, ele recomendou a uma abadessa que tinha a pesada tarefa de reformar seu mosteiro: “Você deve ter um coração grande e duradouro”. A lei da progressão é universal e se aplica em todos os campos.

Para ilustrar seu pensamento, o santo da gentileza usou inúmeras comparações e imagens para inculcar um senso de tempo e a necessidade de perseverar. Algumas pessoas têm a tendência de voar antes de ter asas ou, de repente, querem ser anjos, quando não são apenas homens e mulheres de bem. Quando as crianças são pequenas, damos a elas leite e, quando crescem e começam a ter dentes, damos a elas pão e manteiga.

Um ponto importante é não ter medo de repetir a mesma coisa várias vezes. Devemos imitar os pintores e escultores que criam suas obras repetindo as pinceladas do pincel e os golpes do cinzel. A educação é uma longa jornada. Ao longo do caminho, é preciso se purificar de muitos “humores” negativos, e essa purificação é lenta. Mas não

devemos desanimar. A lentidão não significa resignação ou espera indecisa. Pelo contrário, devemos aprender a tirar o máximo proveito de tudo, não desperdiçando tempo e sabendo como usar “nossos anos, nossos meses, nossas semanas, nossos dias, nossas horas e até mesmo nossos momentos”.

A paciência, frequentemente ensinada pelo bispo de Genebra, é uma paciência ativa que nos permite seguir em frente, embora com pequenos passos. “Pouco a pouco e passo a passo, devemos adquirir esse domínio”, escreveu ele a uma impaciente Filoteia. Aprendemos “primeiro a caminhar com pequenos passos, depois a nos apressar, depois a acelerar e, finalmente, a correr”. O crescimento até a idade adulta começa lentamente e se acelera cada vez mais, assim como a formação e a educação. Por fim, a paciência é nutrida pela esperança: “Não há solo tão ingrato que o amor do trabalhador não o fertilize”.

Educação integral

Pelo que foi dito até agora, já está bem claro que, para Francisco de Sales, a educação não podia ser confundida com uma única dimensão da pessoa, como a instrução, ou boas maneiras, ou mesmo uma educação religiosa desprovida de fundamentos humanos. É claro que não se pode negar a importância de cada uma dessas áreas específicas. Com relação à educação e à formação da mente, basta lembrar o tempo e o esforço que ele dedicou durante a juventude para adquirir uma alta cultura intelectual e “profissional”, bem como o cuidado que dedicou à educação em sua diocese.

Entretanto, sua principal preocupação era a formação integral da pessoa humana, compreendida em todas as suas dimensões e dinâmicas. Para demonstrar isso, vamos nos concentrar em cada uma das dimensões constituintes da pessoa humana em sua totalidade simbólica: o corpo com todos os seus sentidos, a alma com todas as suas paixões, a mente com todas as suas faculdades e o coração, a sede da vontade, do amor e da liberdade.

São Francisco de Sales, fundador de uma nova escola de perfeição

Para Francisco de Sales, a vida religiosa é «uma escola de perfeição», na qual alguém «se consagra de maneira mais simples e mais total a Nosso Senhor». «A vida religiosa – acrescenta o fundador da Visitação – é uma escola onde cada um deve aprender a lição: o mestre não exige que o aluno saiba a lição todos os dias sem errar, é suficiente que se empenhe em fazer o que pode para aprendê-la». Falando da congregação da Visitação que ele fundou, usava a mesma linguagem: «A congregação é uma escola»; entra-se nela «para se encaminhar para a perfeição do amor divino».

Cabia ao fundador formar suas filhas espirituais, exercendo o papel de «iniciador» e mestre das noviças. Ele o fez de maneira excelente. Segundo T. Mandrini, «São Francisco de Sales ocupa na história da vida religiosa um lugar de primeiro plano, como Santo Inácio de Loyola; podemos até afirmar que na história da vida religiosa feminina, São Francisco de Sales ocupa o lugar que Santo Inácio ocupa na história da vida religiosa masculina».

Joana de Chantal nas origens da Visitação

Em 1604, Francisco de Sales encontrou em Dijon, onde estava pregando a quaresma, a mulher que estava prestes a se tornar a «pedra fundamental» de um novo instituto. Nessa data, Joana Francisca Frémyot era uma jovem viúva de trinta e dois anos. Nascida em 1572 em Dijon, casou-se aos vinte anos com Christóvão Rabutin, barão de Chantal. Tiveram um filho e três filhas. Quinze dias após o nascimento da última filha, o marido foi mortalmente ferido durante uma caçada. Permanecendo

viúva, Joana continuou corajosamente a cuidar da educação dos filhos e a ajudar os pobres.

O encontro de Chantal com o bispo de Genebra marcou o início de uma verdadeira amizade espiritual que desembocaria em uma nova forma de vida religiosa. No início, Francisco de Sales inculcou em Joana o amor pela humildade exigida por seu estado de viúva, sem pensar em um novo casamento ou na vida religiosa; a vontade de Deus se manifestaria a seu tempo. Ele a encorajou nas provas e tentações contra a fé e contra a Igreja.

Em 1605, a baronesa chegou a Sales para rever seu diretor e aprofundar com ele os assuntos que a preocupavam. Francisco respondeu evasivamente ao desejo de Joana de se tornar religiosa, mas acrescentou estas palavras fortes: «No dia em que a senhora abandonar tudo, virá a mim e farei com que se encontre em um total despojamento e nudez, para ser toda de Deus». Para prepará-la para esse objetivo final, ele sugeriu: “a doçura de coração, a pobreza de espírito e a simplicidade de vida, juntamente com esses três exercícios modestos: visitar os enfermos, servir os pobres, consolar os aflitos e outros semelhantes”.

No início de 1606, como o pai da baronesa a pressionava a se casar novamente, o problema da vida religiosa tornou-se urgente. O que fazer, perguntava-se o bispo de Genebra? Uma coisa era clara, mas a outra estava em dúvida:

Eu aprendi até este momento, minha Filha, que, um dia, a senhora terá que deixar tudo; ou melhor, para que não entenda a coisa de maneira diferente do que eu a entendi, que, um dia, eu terei que aconselhá-la a deixar tudo. Digo deixar tudo. Mas que a senhora tenha que fazer isso para entrar na vida religiosa, é pouco provável, porque ainda não me ocorreu ser desse parecer: ainda estou em dúvida, e não vejo, diante de mim, nada que me leve a desejá-lo. Compreenda-me bem, por amor de Deus. Não digo que não, mas digo apenas que meu espírito ainda não encontrou uma razão para dizer que sim.

A prudência e a lentidão de Francisco de Sales são facilmente explicáveis. A baronesa, de fato, sonhava talvez em se tornar carmelita, e ele, por sua vez, ainda não havia amadurecido o projeto da nova fundação. Mas o principal obstáculo eram os filhos da senhora Chantal, todos ainda pequenos.

A fundação

No decorrer de um novo encontro ocorrido em Annecy em 1607, Francisco declarou-lhe desta vez: «Então! Minha filha, decidi sobre o que quero fazer da senhora»; e revelou-lhe o projeto de fundar com ela um novo instituto. Restavam dois obstáculos maiores à realização: os deveres familiares da senhora de Chantal e sua vinda estável a Annecy, porque, dizia, «é necessário lançar a semente da nossa congregação na pequena Annecy». E enquanto a senhora de Chantal sonhava provavelmente com uma vida inteiramente contemplativa, Francisco citava o exemplo de santa Marta, mas uma Marta «corrigida» pelo exemplo de Maria, que dividia as horas de seus dias em duas, «dedicando uma boa parte às obras exteriores de caridade, e a parte melhor ao seu íntimo com a contemplação».

Durante os três anos seguintes, os principais obstáculos caíram um após o outro: o pai da Senhora Chantal permitiu que ela seguisse seu próprio caminho, aceitando também cuidar da educação do primogênito; a filha mais velha casou-se com Bernard de Sales, irmão de Francisco, e o acompanhou na Saboia; a segunda filha acompanhou a mãe a Annecy; quanto à última, ela faleceu no final de janeiro de 1610, aos nove anos.

No dia 6 de junho de 1610, Joana de Chantal estabeleceu-se em uma casa particular com Charlotte, uma amiga da Borgonha, e Jacqueline, filha do presidente Antônio Favre. O objetivo delas era «consagrar todos os momentos de suas vidas a amar e servir a Deus», sem desatender «o serviço dos pobres e dos enfermos». A Visitação será uma «pequena congregação», que une a vida interior com uma forma de vida

ativa. As três primeiras visitandinas fizeram sua profissão exatamente um ano depois, no dia 6 de junho de 1611. No dia 1º de janeiro de 1612, começarão as visitas aos pobres e enfermos, previstas no projeto primitivo de Constituições. No dia 30 de outubro do mesmo ano, a comunidade abandonou a casa, que se tornara pequena demais, e se transferiu para uma nova casa, aguardando a construção do primeiro mosteiro da Visitação.

Durante os primeiros anos, não se sonhou com nenhuma outra fundação, até que em 1615 chegou um pedido insistente de algumas pessoas de Lião. O arcebispo daquela cidade não queria que as irmãs saíssem do mosteiro para as visitas aos enfermos; segundo ele, era necessário transformar a congregação em uma verdadeira ordem religiosa, com votos solenes e clausura, seguindo as prescrições do concílio de Trento. Francisco de Sales teve que aceitar a maior parte das condições: a visita aos enfermos foi suprimida e a Visitação tornou-se uma ordem quase monástica, sob a regra de santo Agostinho, embora conservando a possibilidade de acolher pessoas externas para um pouco de descanso ou para exercícios espirituais. Seu desenvolvimento foi rápido: contará com treze mosteiros à morte do fundador em 1622 e oitenta e sete à morte da madre de Chantal em 1641.

A formação sob a forma de entretenimentos

Jorge Rolland descreveu bem o papel da formação das «filhas» da Visitação, que Francisco de Sales assumiu desde o início do novo instituto:

Ele as assistia em seus começos, esforçando-se bastante e dedicando muito tempo a educá-las e a orientá-las no caminho da perfeição, primeiro todas juntas e depois cada uma em particular. Por isso, ele ia até elas, muitas vezes duas ou três vezes ao dia, dando-lhes orientações sobre questões que a cada momento surgiam, tanto de ordem espiritual quanto de natureza material. [...] Era seu confessor, capelão, pai espiritual e diretor.

O tom de seus «entretenimentos» era bastante simples e familiar. Um entretenimento, de fato, é uma conversa amável, um diálogo ou conversa familiar, não uma «pregação», mas sim uma «simples conferência na qual cada um diz sua opinião». Normalmente, as perguntas eram feitas pelas irmãs, como aparece claramente no terceiro de seus *Entretenimentos*, onde fala *Sobre a confiança e o abandono*. A primeira pergunta era saber «se uma alma consciente de sua miséria pode se dirigir a Deus com plena confiança». Um pouco mais adiante, o fundador parece aproveitar uma nova pergunta: «Mas as senhoras dizem que não sentem essa confiança». Mais adiante ainda, afirma: «Agora passemos à outra pergunta que é o abandonar-se». E ainda mais adiante, encontra-se uma cadeia de perguntas como estas: «Agora as senhoras me perguntam sobre de que se ocupa essa alma que se abandona totalmente nas mãos de Deus»; «as senhoras me dizem nesse momento»; «agora as senhoras me perguntam»; «para responder ao que me perguntam»; «as senhoras querem ainda saber». É possível, aliás provável, que as secretárias tenham suprimido as perguntas das interlocutoras para colocá-las na boca do bispo. As perguntas podiam também ser formuladas por escrito, pois no início do décimo primeiro *Entretenimento* lê-se: «Começo nossa conversa respondendo a uma pergunta que me foi escrita neste bilhete».

Instruções e exortações

O outro método usado na formação das visitandinas excluía as perguntas e respostas: eram *sermões* que o fundador fazia na capela do mosteiro. O tom familiar que os caracteriza não permite incluí-los entre os grandes sermões para o povo, segundo o estilo da época. R. Balboni prefere chamá-los de *exortações*. «O discurso que estou prestes a fazer», dizia o fundador ao começar a falar. Ele costumava mencionar seu «discursinho», qualificação que certamente não se aplicava à duração, que normalmente era de uma hora. Uma vez ele dirá: «Tendo tempo, tratarei de...». O bispo se dirigia a um público específico, as visitandinas, às quais podiam se juntar parentes e amigos. Quando falava na capela, o fundador

precisava levar em conta esse público, que poderia ser diferente daquele dos *Entretenimentos* reservados às religiosas. A diversidade de suas intervenções é bem descrita pela comparação entre o barbeiro e o cirurgião:

Minhas queridas filhas, quando falo diante dos seculares, faço como o barbeiro, contento-me em aparar o supérfluo, ou seja, uso o sabão para suavizar um pouco a pele do coração, como faz o barbeiro para suavizar a do queixo antes de apará-lo; mas, em vez disso, quando estou no parlatório, comporto-me como o cirurgião experiente, ou seja, trato as feridas das minhas queridas filhas, embora elas gritem um pouco: Ai!. E não deixo de pressionar a mão sobre a ferida para que o curativo ajude a curá-la bem.

Mas mesmo na capela o tom continuava a ser familiar, semelhante a uma conversa. «É preciso ir além – dizia –, porque me falta tempo para me deter mais sobre este assunto»; ou ainda: «Antes de terminar, digamos mais uma palavra». E outra vez: «Mas vou além deste primeiro ponto sem acrescentar nada mais, porque não é sobre este tema que pretendo me deter». Quando fala do mistério da Visitação, precisa de um tempo suplementar: «Concluirei com dois exemplos, embora o tempo já tenha passado; de qualquer forma, um breve quarto de hora será suficiente». Às vezes expressa seus sentimentos, dizendo que sentiu «prazer» em tratar do amor mútuo. Nem temia fazer alguma digressão: «A esse respeito – dirá outra vez – contarei duas historinhas que não narraria se tivesse que falar de outra cátedra; mas aqui não há perigo». Para manter a atenção do auditório, o interpela com um «digam-me as senhoras», ou com a expressão: «Notem, por favor». Ele frequentemente se reconectava com um assunto que havia desenvolvido anteriormente, dizendo: «Desejo acrescentar mais uma palavra ao discurso que lhes fiz outro dia». «Mas vejo que a hora passa rápido – exclama –, o que me fará terminar completando, no pouco tempo que me resta, a história deste evangelho». Chegando o momento de concluir, diz:

«Terminei».

É preciso ter em mente que o pregador era desejado, ouvido com atenção e também autorizado às vezes a contar novamente a mesma história: «Embora já a tenha narrado, não deixarei de repeti-la, dado que não estou diante de pessoas tão desgostosas que não estejam dispostas a ouvir duas vezes a mesma história; aqueles que têm um bom apetite comem com prazer duas vezes o mesmo alimento».

Os *Sermões* se apresentam como uma instrução mais estruturada em relação aos *Entretenimentos*, onde os assuntos se sucedem às vezes rapidamente, pressionados pelas perguntas. Aqui a conexão é mais lógica, as diferentes articulações do discurso são mais bem indicadas. O pregador explica a Escritura, comenta com os Padres e teólogos, mas é uma explicação bastante meditativa e capaz de alimentar a oração mental das religiosas. Como toda meditação, compreende considerações, afetos e resoluções. Todo o seu discurso, de fato, girava em torno de uma pergunta essencial: «As senhoras querem se tornar uma boa filha da Visitação?».

O acompanhamento pessoal

Por último, havia o contato pessoal com cada irmã. Francisco tinha uma longa experiência como confessor e diretor espiritual de pessoas orientadas individualmente. Era necessário levar em conta, é evidente, a «variedade dos espíritos», dos temperamentos, das situações particulares e dos progressos na perfeição.

Nos relatos de Maria Adriana Fichet, lê-se um episódio que mostra o modo de agir do bispo de Genebra: «Senhor Bispo, Vossa Excelência teria a bondade de indicar a cada uma de nós uma virtude para nos comprometermos individualmente a praticá-la?». Talvez se tratasse de um stratagem piedoso inventado pela superiora. O fundador respondeu: «Com prazer, madre; é preciso começar pela senhora». As irmãs se retiraram e o bispo as chamou uma a uma e, passeando, lançava a cada uma um «desafio» em segredo. Durante a recreação seguinte, todas ficaram evidentemente

cientes do desafio que ele havia confidenciado a cada uma em particular. À madre de Chantal, ele havia recomendado «a indiferença e o amor à vontade de Deus»; a Jacqueline Favre, «a presença de Deus»; a Charlotte de Brécharde, «a resignação à vontade de Deus». Os desafios destinados às outras religiosas diziam respeito, uma após a outra, à modéstia e à tranquilidade, ao amor à própria condição, à mortificação dos sentidos, à afabilidade, à humildade interior, à humildade exterior, ao desapego dos pais e do mundo, à mortificação das paixões.

Ao falar às irmãs da Visitação, tentadas a considerar a perfeição como uma roupa a ser vestida, lembrava com uma ponta de humor sua responsabilidade pessoal:

Vocês gostariam que eu lhes ensinasse um caminho de perfeição já pronto e feito, para que não houvesse mais nada a fazer a não ser vesti-lo, como fariam com um vestido, e assim se encontrariam perfeitas sem esforço; ou seja, gostariam que eu lhes apresentasse uma perfeição já confeccionada [...]. Certamente, se isso estivesse ao meu alcance, eu seria o homem mais perfeito do mundo; de fato, se pudesse dar a perfeição aos outros sem fazer nada, asseguro que primeiro a tomaria para mim.

Como conciliar numa comunidade a necessária unidade, ou melhor, uniformidade, com a diversidade das pessoas e dos temperamentos que a compõem? O fundador escrevia a esse respeito à superiora da Visitação de Lião: «Se se encontrar alguma alma ou até mesmo alguma noviça que sinta muita repugnância em se submeter àqueles exercícios que são indicados, e se essa repugnância não nasce de um capricho, de presunção, de altivez ou tendências melancólicas, caberá à mestra das noviças conduzir por outro caminho, embora este seja útil para o ordinário, como demonstra a experiência». Como sempre, obediência e liberdade não devem ser opostas uma à outra.

Força e doçura devem também caracterizar a maneira

como as superiores da Visitação deveriam «modelar» as almas. De fato, diz a elas, é «com as suas mãos» que Deus «modela as almas, usando ou o martelo, ou o cinzel, ou o pincel, a fim de configurá-las todas a seu gosto». As superiores devem ter «corações de pais sólidos, firmes e constantes, sem descuidar das ternuras de mães que fazem desejar os doces às crianças, seguindo a ordem divina que governa tudo com uma força muito suave e uma suavidade muito forte».

As mestras das noviças mereciam ter atenções particulares por parte do fundador, porque «da boa formação e direção das noviças depende a vida e a boa saúde da congregação». Como formar as futuras visitandinas, quando se está longe dos fundadores? perguntava a mestra das noviças de Lião. Francisco responde: «Diga o que você viu, ensine o que você ouviu em Annecy. Aqui está! Esta plantinha é pequena e tem raízes profundas; mas o raminho que se separar dela, sem dúvida perecerá, secará e não servirá para nada além de ser cortado e jogado no fogo».

Um manual da perfeição

Em 1616, São Francisco de Sales publicou o Tratado do amor de Deus, um livro «feito para ajudar a alma já devota a progredir em seu projeto». Como é fácil perceber, o *Teótimo* propõe uma doutrina sublime sobre o amor de Deus, a qual conferiu ao seu autor o título de «doutor da caridade», mas o faz com um acentuado senso pedagógico. O autor quer acompanhar ao longo do caminho do amor mais alto uma pessoa chamada Teótimo, nome simbólico que designa «o espírito humano que deseja progredir na santa dileção», ou seja, no amor de Deus.

O *Teótimo* se revela como o «manual» da «escola de perfeição» que Francisco de Sales pretendia criar. Nele se descobre de forma implícita a ideia da necessidade de uma formação permanente, por ele ilustrada através desta imagem tirada do mundo vegetal:

Não vemos, por experiência, que as plantas e os frutos não têm um crescimento e maturação adequados se não carregam seus grãos e suas sementes que servem para a

reprodução das plantas e das árvores da mesma espécie? As virtudes nunca têm a dimensão e suficiência adequadas, se não produzem em nós desejos de fazer progressos. Em suma, é preciso imitar este curioso animal que é o crocodilo: «Pequeníssimo ao nascer, não cessa nunca de crescer enquanto está vivo».

Perante a decadência e às vezes a conduta escandalosa de numerosos mosteiros e abadias, Francisco de Sales traçava um caminho exigente, mas amável. Em referência às ordens reformadas, onde reinavam uma severidade e uma austeridade tais que afastavam um bom número de pessoas da vida religiosa, o fundador das visitandinas teve a profunda intuição de concentrar a essência da vida religiosa simplesmente na busca da perfeição da caridade. Com os necessários ajustes, tal «pedagogia que chegou ao seu ápice», nascida em contato com a Visitação, ultrapassará amplamente os muros de seu primeiro mosteiro e encantará outros «aprendizes» da perfeição.

São Francisco de Sales, acompanhante pessoal

“Meu espírito sempre acompanha o seu”, escreveu um dia Francisco de Sales a Joana de Chantal, em um momento em que ela se sentia assaltada pela escuridão e pelas tentações. Ele acrescentou: “Caminhe, portanto, minha querida filha, e avance com mau tempo e durante a noite. Seja corajosa, minha querida filha; com a ajuda de Deus, faremos muito”. Acompanhamento, direção espiritual, orientação de almas, direção de consciência, assistência espiritual: essas são fórmulas mais ou menos sinônimas, pois designam essa forma particular de educação e formação exercida no âmbito

espiritual da consciência individual.

Formação de um futuro acompanhante

A formação que recebeu quando jovem preparou Francisco de Sales para se tornar, por sua vez, um diretor espiritual. Como aluno dos jesuítas em Paris, ele provavelmente teve um pai espiritual cujo nome não conhecemos. Em Pádua, Antônio Possevino havia sido seu diretor; com esse famoso jesuíta, Francisco se felicitaria mais tarde por ter sido um de seus “filhos espirituais”. Durante seu caminho atormentado até o estado clerical, seu confidente e apoio foi Amé Bouvard, um padre amigo da família, que o preparou depois para as ordenações.

No início de seu episcopado, ele confiou o cuidado de sua vida espiritual ao P. Fourier, reitor dos jesuítas de Chambéry, “um grande religioso, erudito e devoto”, com quem estabeleceu “uma amizade muito especial” e que estava muito próximo dele “com seus conselhos e advertências”. Durante vários anos, ele se confessou regularmente com o penitenciário da catedral, a quem chamava de “querido irmão e amigo perfeito”.

Sua estada em Paris em 1602 influenciou profundamente o desenvolvimento de seus dons como diretor de almas. Enviado pelo bispo para negociar alguns assuntos diocesanos na corte, ele teve pouco sucesso diplomático, mas essa visita prolongada à capital francesa permitiu que ele estabelecesse contatos com a elite espiritual que se reunia junto à Senhora Acarie, uma mulher excepcional, mística e anfitriã ao mesmo tempo. Ele se tornou seu confessor, observou seus êxtases e a ouviu sem questionar. “Oh! que erro eu cometi”, ele diria mais tarde, “por não ter aproveitado suficientemente sua santíssima companhia! Ela de fato abriu sua alma para mim livremente, mas o extremo respeito que eu tinha por ela fez com que eu não ousasse me informar sobre a menor coisa”.

Uma atividade incômoda “que tranquiliza e anima”

Ajudar cada indivíduo, acompanhá-lo pessoalmente, aconselhá-lo, possivelmente corrigir seus erros, encorajá-lo, tudo isso requer tempo, paciência e um esforço constante de discernimento. O autor de *Filoteia* fala por experiência própria, quando afirma no prefácio:

É penoso, confesso-o abertamente, conduzir as almas em particular, mas esse trabalho não deixa de ter as suas consolações. Os ceifadores nunca estão tão satisfeitos como quando têm muito que ceifar. É um trabalho que alivia e fortifica o coração.

Conhecemos essa importante área de seu trabalho de formação especialmente por meio de sua correspondência, mas é preciso ressaltar que a direção espiritual não é feita apenas por escrito. Os encontros pessoais e as confissões individuais fazem parte dela, embora seja necessário distingui-los adequadamente. Em 1603, ele conheceu o Duque de Bellegarde, uma grande figura do reino e um grande pecador, que, alguns anos depois, pediu-lhe que o guiasse no caminho da conversão. A Quaresma que ele pregou em Dijon no ano seguinte foi um ponto de virada em sua “carreira” como diretor espiritual, porque ele conheceu Joana Frémyot, viúva do Barão de Chantal.

A partir de 1605, a visita sistemática de sua vasta diocese o colocou em contato com um número infinito de pessoas de todas as condições, principalmente camponeses e montanheses, a maioria dos quais era analfabeta e não nos deixou nenhuma correspondência. Pregando a Quaresma em Annecy, em 1607, ele encontrou em suas “redes sagradas” uma senhora de 21 anos, “mas toda de ouro”, chamada Luísa Du Chastel, que havia se casado com o primo do bispo, Henrique de Charmois. As cartas de orientação espiritual que Francisco enviou à Senhora de Charmois serviriam como material básico para a elaboração de sua futura obra, a *Filoteia*.

As pregações em Grenoble, em 1616, 1617 e 1618 trouxeram-lhe um número considerável de filhas e filhos espirituais que, depois de ouvi-lo na cátedra, procurariam

contatá-lo de perto. Novas Filoteias o acompanharão em sua última viagem a Paris, em 1618-1619, onde fez parte da delegação da Saboia que estava negociando o casamento do Príncipe do Piemonte, Vítor Amadeu, com Cristina de França, irmã de Luís XIII. Após o casamento principesco, Cristina o escolheu como seu confessor e “grande capelão”.

O diretor é pai, irmão, amigo

Quando se dirige às pessoas orientadas por ele, Francisco de Sales faz uso abundante, para não dizer excessivo, de acordo com o costume da época, de títulos e apelações tirados da vida familiar e social, como *pai, mãe, irmão, irmã, filho, filha, tio, tia, sobrinha, padrinho, madrinha ou servo*. O título de pai significava autoridade e, ao mesmo tempo, amor e confiança. O pai “auxilia” o filho e a filha por meio de conselhos, usando sabedoria, prudência e caridade. Como um pai espiritual, o diretor é aquele que, em certos casos, diz: “Eu quero!” Francisco de Sales sabia como usar essa linguagem, mas somente em circunstâncias muito especiais, como quando ele ordena à baronesa que não evite um encontro com o assassino de seu marido:

A senhora me perguntou como eu queria que se comportasse no encontro com aquele que matou o senhor seu marido. Eu respondo em ordem. Não é necessário que a senhora mesma procure a data e a ocasião. No entanto, se isso ocorrer, quero que o receba com um coração gentil, bondoso e compassivo.

Certa vez, ele escreveu a uma mulher angustiada: “Eu lhe ordeno em nome de Deus”, mas isso foi para remover os escrúpulos dela. Sua autoridade sempre permaneceu humilde, boa, até mesmo terna; seu papel em relação às pessoas que ele dirigia, especificou no prefácio da *Filoteia*, consistia em uma “assistência” especial, um termo que aparece duas vezes nesse contexto. A intimidade que se estabeleceu entre ele e o duque de Bellegarde era tal que Francisco de Sales pôde responder ao pedido do duque, usando, não sem hesitação, os epítetos “meu filho” ou “senhor meu filho”, sabendo muito bem que o duque

era mais velho do que ele. A implicação pedagógica da direção espiritual é enfatizada por outra imagem significativa. Depois de relembrar a rápida corrida da tigresa para salvar seu filhote, movida pelo poder do amor natural, ele continua dizendo:

E com quanto mais boa vontade um coração paternal cuidará de uma alma que encontrou cheia de desejo de santa perfeição, carregando-a em seu colo, como uma mãe que cuida de seu filho, sem sentir o peso do fardo.

Com relação às pessoas que dirige, mulheres e homens, Francisco de Sales também se comporta como um irmão, e é nessa qualidade que muitas vezes se apresenta às pessoas que recorrem a ele. Antônio Favre é constantemente chamado de “meu irmão”. No início, ele se dirige à Baronesa de Chantal usando a denominação de “senhora” (*madame*), depois muda para “irmã”, “nome com o qual os apóstolos e os primeiros cristãos expressavam seu amor mútuo”. Um irmão não dá ordens; aconselha e pratica a correção fraterna.

Mas o que melhor caracteriza o estilo salesiano é a atmosfera amigável e recíproca que une o diretor e a pessoa dirigida. Como bem diz André Ravier, “não há verdadeira direção espiritual para ele, se não houver amizade, isto é, troca, comunicação, influência mútua”. Não é surpreendente que Francisco de Sales ame seus referentes com um amor que lhes testemunha de mil maneiras; é surpreendente, ao contrário, que ele deseje ser amado por eles igualmente. Com Joana de Chantal, a reciprocidade se tornou tão intensa a ponto de, às vezes, transformar o “meu” e o “seu” em “nosso”: “Não é possível para mim distinguir o *meu* e o *seu*, pois o que nos diz respeito é *nosso*”.

Obediência ao diretor, mas em um clima de confiança e liberdade

A obediência ao diretor espiritual é uma garantia contra os excessos, as ilusões e os erros cometidos, na maioria das vezes, em benefício próprio; ela mantém uma

atitude prudente e sábia. O autor da *Filoteia* a considera necessária e benéfica, sem reforçá-la; “a humilde obediência, tão recomendada e tão praticada por todos os antigos devotos”, faz parte de uma tradição. Francisco de Sales a recomenda à Baronesa de Chantal com relação ao seu primeiro diretor, mas indicando como vivê-la:

Louvo muito o respeito religioso que sente por seu diretor e exorto-a a preservá-lo com muito cuidado; mas também devo lhe dizer mais uma palavra. Esse respeito deve, sem dúvida, induzi-la a perseverar na conduta santa à qual tão felizmente se adaptou, mas de modo algum deve impedir ou sufocar a justa liberdade que o Espírito de Deus dá a quem quer que ele possua.

Em todo caso, o diretor deve possuir três qualidades indispensáveis: “Ele deve ser cheio de caridade, conhecimento e prudência: se um desses três faltar, há perigo” (I I 4). Esse não parece ser o caso do primeiro diretor da Senhora de Chantal. De acordo com sua biógrafa, a Madre de Chaugy, ele “a prendeu à sua direção”, intimando-a a que nunca pensasse em mudá-la; eram “laços inadequados que mantinham sua alma presa, enclausurada e sem liberdade”. Quando, depois de conhecer Francisco de Sales, ela quis mudar seu diretor, mergulhou em um mar de escrúpulos. Para tranquilizá-la, ele lhe mostrou outro caminho:

Aqui está a regra geral de nossa obediência, escrita em letras bem grandes: É PRECISO FAZER TUDO POR AMOR, E NADA POR FORÇA; DEVE-SE AMAR A OBEDIÊNCIA MAIS DO QUE TEMER A DESOBEDIÊNCIA. Deixo-lhe o espírito de liberdade: não aquele que exclui a obediência, pois então seria preciso falar da liberdade da carne, mas aquele que exclui a compulsão, o escrúpulo e a pressa.

O caminho salesiano se fundamenta no respeito e na obediência devidos ao diretor, sem dúvida, mas sobretudo na confiança: “Tenha a maior confiança nele, unida a uma sagrada

reverência, de modo que a reverência não diminua a confiança e a confiança não impeça a reverência; confie nele com o respeito de uma filha para com o pai, respeite-o com a confiança de uma filha para com a mãe". A confiança inspira simplicidade e liberdade, o que favorece a comunicação entre duas pessoas, especialmente quando a pessoa que está sendo orientada é uma jovem noviça com medo:

Eu lhe direi, em primeiro lugar, que não deve usar, em relação a mim, palavras de cerimônia ou desculpas, pois, pela vontade de Deus, sinto pela senhora toda a afeição que poderia desejar; e eu não saberia como me proibir de senti-la. Amo profundamente seu espírito, porque acho que Deus assim o deseja, e o amo com ternura, porque o vejo ainda fraco e jovem demais. Escreva-me, portanto, com toda a confiança e liberdade, e peça tudo o que parecer útil para seu bem. E que isso seja dito de uma vez por todas.

Como se deve escrever para o bispo de Genebra? Escreva-me com liberdade, sinceridade e simplicidade", disse a uma das almas dirigidas por ele. "Sobre esse ponto, não tenho mais nada a dizer, exceto que a senhora não deve colocar *Monsenhor* na carta, nem sozinho nem acompanhado de outras palavras: basta colocar *Senhor*, e a senhora sabe o porquê. Sou um homem sem cerimônias e a amo e honro com todo o meu coração". Esse refrão retorna com frequência no início de um novo relacionamento epistolar. O afeto, quando é sincero e especialmente quando tem a sorte de ser correspondido, autoriza a liberdade e a máxima franqueza. "Escreva-me sempre que tiver vontade", disse ele a outra mulher, "com total confiança e sem cerimônia; pois é assim que devemos nos comportar nesse tipo de amizade". A um de seus correspondentes, ele pedia: "Não me peça desculpas por escrever bem ou mal, porque o senhor não me deve nenhuma cerimônia além da de me amar". Isso significa falar "de coração a coração". O amor a Deus, assim como o amor ao próximo, faz com que sigamos em frente "de uma maneira boa,

sem muita confusão” porque, como disse, “o verdadeiro amor não precisa de um método”. A chave para isso é o amor, pois “o amor torna os amantes iguais”, ou seja, o amor opera uma transformação nas pessoas que amamos, tornando-as iguais, semelhantes e no mesmo nível.

“Toda flor requer cuidados especiais”.

Embora o objetivo da direção espiritual seja o mesmo para todos, ou seja, o aperfeiçoamento da vida cristã, as pessoas não são todas iguais, e cabe à arte do diretor saber indicar o caminho apropriado para que cada pessoa alcance o objetivo comum. Homem de seu tempo, ciente de que as estratificações sociais eram uma realidade, Francisco de Sales conhecia bem a diferença entre o cavalheiro, o artesão, o camareiro, o príncipe, a viúva, a moça e a mulher casada. Cada um, de fato, deveria produzir frutos “de acordo com sua qualificação e profissão”. Mas o senso de pertencer a um grupo social específico ia bem, para ele, com a consideração das peculiaridades do indivíduo: é preciso “adaptar a prática da devoção às forças, atividades e deveres de cada um em particular”. Ele também acreditava que “os meios para alcançar a perfeição são diferentes de acordo com a diversidade de vocações”.

A diversidade de temperamentos é um fato que deve ser levado em conta. É possível detectar em Francisco de Sales um “talento psicológico” que antecede as descobertas modernas. A percepção das características únicas de cada pessoa é muito acentuada nele e é a razão pela qual cada assunto merece atenção especial do pai espiritual: “Em um jardim, cada erva e cada flor requerem cuidados especiais”. Como um pai ou uma mãe com seus filhos, ele se adapta à individualidade, ao temperamento e às situações particulares de cada indivíduo. A uma pessoa, impaciente consigo mesma, decepcionada por não estar progredindo como gostaria, ele recomenda de amar a si mesma. À outra, atraída pela vida religiosa, mas dotada de forte individualidade, ele aconselha um estilo de vida que leve em conta essas duas tendências. A uma terceira que oscila

entre a exaltação e a depressão, ele sugere a paz do coração por meio da luta contra as imaginações angustiantes. Para uma mulher em desespero por causa do caráter “perdulário e frívolo” do marido, o diretor terá de aconselhar “os meios certos e a moderação” e os meios para superar sua impaciência. Outra, mulher consciente e equilibrada, com um caráter “íntegro”, cheia de ansiedades e provações, precisará de “santa doçura e tranquilidade”. Outra ainda se angustia com o pensamento da morte e fica deprimida com frequência: seu diretor lhe inspira coragem. Há almas que têm mil desejos de perfeição; é necessário acalmar sua impaciência, fruto de seu amor-próprio. A célebre Angélica Arnauld, abadessa de Port-Royal, quer reformar seu mosteiro com rigidez: é preciso recomendar-lhe flexibilidade e humildade.

Quanto ao duque de Bellegarde, que havia se metido em todas as intrigas políticas e amorosas da corte, o bispo o encoraja a adquirir “uma devoção masculina, corajosa e invariável para servir de espelho a muitos, exaltando a verdade do amor celestial, digno de reparar as faltas passadas”. Em 1613, ele redigiu uma *Pró-memória para fazer uma boa confissão*, contendo oito “advertências” gerais, uma descrição detalhada “dos pecados contra os dez mandamentos”, um “exame sobre os pecados capitais”, os “pecados cometidos contra os preceitos da Igreja”, um “meio de discernir o pecado mortal do pecado venial” e, finalmente, “o meio de afastar o grande do pecado da carne”.

Método “regressivo”

A arte da direção de consciência muitas vezes exige que o diretor dê um passo atrás e deixe a iniciativa para o destinatário, ou para Deus, especialmente quando se trata de fazer escolhas que necessitam uma decisão exigente. “Não leve minhas palavras muito ao pé da letra”, escreveu ele à Baronesa de Chantal, “não quero que elas lhe sejam uma imposição, mas que mantenha a liberdade de fazer o que achar melhor”. Ele escreveu, por exemplo, para uma mulher que era muito apegada às “ vaidades”:

Quando a senhora partiu, veio-me à mente dizer que deveria renunciar ao almíscar e aos perfumes, mas me contive para seguir meu sistema, que é suave e procura aguardar os movimentos que, pouco a pouco, os exercícios de piedade tendem a despertar nas almas que se consagram inteiramente à bondade divina. Meu espírito, de fato, é extremamente amigo da simplicidade; e a podadeira com a qual é costume cortar os brotos inúteis, eu habitualmente deixo nas mãos de Deus.

O diretor não é um déspota, mas alguém que “guia nossas ações com seus avisos e conselhos”, como ele diz no início da *Filoteia*. Ele se abstém de dar ordens quando escreve para a Senhora de Chantal: “Estes são conselhos bons e adequados para a senhora, mas não ordens”. Ela também dirá, em seu processo de canonização, que às vezes se queixava de não ter sido orientada o suficiente com ordens. De fato, o papel do diretor é definido pela seguinte resposta de Sócrates a um discípulo: “Portanto, terei o cuidado de devolvê-lo a si mesmo melhor do que é”. Como sempre declarou à Senhora de Chantal, Francisco “se dedicou”, colocou-se a “serviço” da “santíssima liberdade cristã”. Ele luta pela liberdade:

A senhora verá que falo a verdade e que luto por uma boa causa quando defendo a santa e amável liberdade do espírito, que, como sabe, honro de maneira muito especial, desde que seja verdadeira e livre de dissipação e libertinagem, que nada mais são do que uma máscara de liberdade.

Em 1616, durante um retiro espiritual, Francisco de Sales fez com que a própria mãe de Chantal fizesse um exercício de “despir-se”, para reduzi-la à “adorável e santa pureza e nudez das crianças”. Havia chegado o momento de ela dar o passo em direção à “autonomia” da pessoa dirigida. Ele a exortou, entre outras coisas, a não “aceitar nenhuma ama” e a não continuar dizer-lhe – especificou – “que eu sempre serei sua ama” e, em suma, a estar disposta a renunciar à direção espiritual de Francisco. Só Deus é suficiente: “Não tenha outros braços para carregá-lo, a não ser os de Deus, nenhum

outro colo para descansar, a não ser o dele e da Providência. [...] Não pense mais na amizade ou na unidade que Deus estabeleceu entre nós”. Para a Senhora de Chantal, a lição é dura: “Meu Deus! meu verdadeiro Pai, que cortastes profundamente com vossa navalha! poderei permanecer nesse estado de espírito por muito tempo”? Ela agora se vê “despojada e nua de tudo o que lhe era mais precioso”. Francisco também confessa: “E sim, eu também me encontro nu, graças àquele que morreu nu para nos ensinar a viver nus”. A direção espiritual atinge seu ápice aqui. Depois de uma experiência como essa, as cartas espirituais se tornarão mais raras e a afeição será mais contida em favor de uma unidade totalmente espiritual.